



INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

Relatório de Estágio

Curso de Segundo Ciclo de Estudos em
Mestrado em Jornalismo, Comunicação e Cultura

2015/2016

RÁDIO VOZ DE CABO-VERDE : A
VALORIZAÇÃO DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS
NA INTERNET

Mestranda

Zilene Rocha

Orientador

Professor Doutor Luís Bonixe

AGRADECIMENTOS

À minha família.

Principalmente à minha irmã em tudo aquilo em que me tem apoiado e no qual sem ela a continuação dos meus estudos não seria possível.

Ao meu Professor e orientador Luís Bonixe.

Pela orientação, motivação e presença sempre assídua em todos os momentos em que dele precisava.

Ao Américo Brito técnico da Rádio Voz de Cabo-Verde.

pela amizade e paciência nas horas de trabalho em equipa.

À Eloisa Faria.

pela confiança e apoio antes e após a minha chegada à RVCV.

Ao Fernando Carrilho.

Veterano cabo-verdiano nesta área jornalista, homem da rádio que durante o meu período de estágio tentou transmitir e incutir todos os conhecimentos que possuía, criando assim um laço profissional de companheirismo e admiração que restará eternamente.

Costumava citar muitas vezes uma frase que ouvira de um antigo docente e compatriota nos seus tempos de aprendizagem que ficaram sem dúvidas igualmente gravadas na minha memória

–Entre o teorizar e o fazer vai uma experiência de arrepiar

– Teoria sem prática é bloqueio

–Prática sem teoria é cegueira

Resumo: Desde o seu lento surgimento pelo mundo que as rádios comunitárias têm vindo a desenvolverem um papel sem igual no que toca a democratização e ao desenvolvimento sócio e cultural nas regiões em que se encontram inseridas. Entretanto com o advento da internet estas rádios ingressaram igualmente no mundo virtual com intuito de vencerem obstáculos financeiros e geográficos, desfrutando ao mesmo tempo das potencialidades e vantagens que este meio os poderá oferecer. No entanto o que fazer quando a sua performance deveria ser tipicamente local, dirigida a segmentos específicos de ouvintes? Será que a Internet poderá desfocar num futuro próximo o objetivo principal de uma rádio comunitária? Nesta sequência assim podemos pela luz destas transições das rádios comunitárias para o mundo online perceber o desempenho da Rádio Voz de Cabo-Verde em Roterdão para com a sua comunidade aí emigrada dado a sua modificação exclusiva para o mundo virtual.

Palavras-Chave: Rádios Comunitárias – Comunidade - Cabo-Verde – Transição – Internet - Novas Tecnologias

Abstract: Since the slow rise in the world, the community radios have come to develop a unique role in the democratization, social and cultural field, development also in the regions in which they are embedded . However these radios also entered the virtual world with a view to overcome financial and geographical obstacles , enjoying at the same time the potential and advantages that this virtual world the can offer. But what to do when their performance should be typically local, directed to specific segments of listeners? Does the Internet can blur a main near future the goal of community radios ? At this sequence we can by the light of these transitions of the community radios in the online world try to realize the performance of Radio Voice of Cape Verde in Rotterdam towards its emigrants community since the permanent modification to the virtual world.

Key- words: Community Radios – Communities - Cape Verde – Transition - Internet- New Technologies

LISTA DE ABREVIATURAS

RVCV– Radio Voz de Cabo-Verde

AMARC– Associação Mundial de Rádios Comunitárias

OFCOM– Regulamentação Inglesa de Telecomunicações

FM – Frequência Modulada

ÍNDICE

Introdução.....	11
PARTE I – REVISÃO TEÓRICA	13
CAPÍTULO 1.	13
Para uma definição de rádio comunitária.....	13
CAPÍTULO 2.	17
A importância e a utilidade das rádios comunitárias.....	17
CAPÍTULO 3	24
Das rádios “Piratas” às rádios comunitárias	24
CAPÍTULO 4.	27
A reconcentração dos tempos (Rádio e Internet).....	27
4.1– Web-Rádios.....	29
CAPÍTULO 5.	32
Potencialidades do Online.....	32
5.1. Instantaneidade	32
5.2. Multimedialidade	33
5.3. Hipertextualidade.....	34
5.4. Interatividade.....	35
5.5. Memória.....	36
5.6. Ubiquidade	36
5.7. Personalização.....	36
CAPÍTULO 6.	37
RÁDIO VOZ DE CABO-VERDE	37
BREVE HISTORIAL	37
CAPÍTULO 7.	40
A Programação da RVCV	40
CAPÍTULO 8.	44
O Estágio na Rádio de Cabo-Verde.....	44
8.1 Atividades desenvolvidas	45
8.2. Nova calendarização e atitude	48
8.3-Acontecimentos acompanhados e desenvolvidos Pela RVCV	51

8.4– Criação de um novo <i>Site</i>	53
CAPÍTULO 9.	55
A RVCV e as potencialidades do Online	55
9.1 Potencialidades da internet não exploradas pela RVCV	55
CAPÍTULO 10.	58
Dificuldades Encontradas.....	58
CAPÍTULO 11.	60
A RVCV e a Comunidade	60
Conclusão	64
Bibliografia	67
Anexos	70

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 - Estúdio Radio Voz de cabo-Verde <i>Spangen</i>	37
Imagem 2 - Novo Logotipo Radio Voz de Cabo-Verde.....	38
Imagem 3 - Programa <i>Obby Guiné</i>	39
Imagem 4 - Programa <i>Caminhos de São. Tomé</i>	39
Imagem 5 - Programa Momentos Com Deus.....	40
Imagem 6 - Domingos dos Românticos.....	41
Imagem 7 - Entrevistas.....	42
Imagem 8 - Página oficial do Facebook da RVCV.....	45
Imagem 9 - Exemplos de interações de ouvintes no Chat do Facebook da RVCV.....	46
Imagem 10 - Interações seguidores ouvintes.....	47
Imagem 11 - Grelha de programação da RVCV.....	48
Imagem 12 - Barril RVCV.....	49
Imagem 13 - Receção do Primeiro-ministro cabo-verdiano em Roterdão.....	50
Imagem 14 - Grupo consultivo das comunidades.....	50
Imagem 15 - Apresentação do livro "Crónicas da Terra Longe".....	51
Imagem 16 - Site oficial RVCV.....	52
Imagem 17 - Partes integrantes do site.....	53
Imagem 18 - Vídeo Publicado no Facebook pela RVCV.....	54
Imagem 19 - Interações de ouvintes por mensagens Privadas- Facebook.....	55

ÍNDICE DE GRÁFICOS,

Gráfico 1 - Caracterização dos Inquiridos	59
Gráfico 2 - Conhece a RVCV?.....	59
Gráfico 3 - Costuma Ouvir a RVCV?.....	60
Gráfico 4 - Motivos e razões do afastamento.....	60
Gráfico 5 - A forma como a RVCV faz a comunidade sentir ligado a Terra Natal.....	62

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela nº. 1 - Média tradicionais x Rádios comunitárias.....19

Tabela nº. 2 - – Tabela de Zamith.....31

Introdução

Nos anos 80, quando em Portugal estala o *boom* das rádios piratas que não aceitavam o monopólio estatal, tal como as programações das emissoras oficiais controladas pelo governo, o resto da Europa assiste ao nascimento de uma nova geração: as rádios comunitárias. Emissoras que funcionam sem objetivos comerciais e que procuram servir nichos étnicos, grupos de interesses, populações de áreas geográficas pequenas ou comunidades com problemas de inserção social. Distinto então dos Media tradicionais que muitas vezes tem o objetivo massificar a sua programação, a fim de tentar atingir todos os públicos para uma maior obtenção de dividendos financeiros, as rádios comunitárias diferenciaram-se por serem sobretudo particularizadas, direcionadas, buscando assim atingir um público específico.

São rádios que tratam de assuntos comunitários e que servem a comunidade. São rádios DA comunidade (os membros da comunidade são donos e decidem o conteúdo), feita PELA comunidade (têm produtores dos programas que tratam os assuntos comunitários), voltada PARA a comunidade (os ouvintes). Os produtores de programas são pessoas das comunidades que se voluntariam para oferecer um pouco do seu tempo, noções e aptidões para a rádio em troca de experiências e possibilidades de adquirirem uma profissão ligada à rádio através das oportunidades de formação que se apresentam.

Entretanto, a rádio entrou numa fase de transição pela aceleração da tecnologia, no qual já não se vislumbra um ponto fixo da sua chegada. A Internet penetrou tão longe que até se fez experimentar e iniciar outras modalidades comunicacionais sonoras, como as rádios *online* (as que transferem “suas programações do hertziano para a Internet, juntamente com as ‘Webrádios’ ou ‘Rádios Virtuais’ ”, identificadas, como “emissoras *online*” que efetivamente estão na rede procurando novos públicos e alargando as suas emissões.

Nesta sequência, com estes avanços subjacentes e irreversíveis muitas das rádios comunitárias encontram-se atualmente na Internet, neste ambiente mundial de comunicação para vencerem obstáculos financeiros e irem mais longe, uma vez que possuem baixo alcance geográfico de transmissão, limitadas apenas a uma comunidade,

bairro ou cidade. Porém, estando estas rádios na Internet acessíveis ao mundo faz-nos levantar algumas dúvidas dado que a sua performance deveria ser tipicamente local, dirigida a segmentos específicos de ouvintes.

Neste seguimento, o trabalho que agora se inicia produzido sobre a forma de relatório, deriva da realização de um estágio – no âmbito do Erasmus do plano curricular do Mestrado em Jornalismo, Comunicação e Cultura na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre – cumprido numa rádio comunitária (Rádio Voz de Cabo-Verde) em Roterdão entre o dia 21 de setembro de 2015 a 21 de dezembro de 2015. Ao longo deste período inserida num apartamento reformulado e transformado num estúdio radiofónico com o apoio técnico e voluntário fez-se rádio comunitária para e com a comunidade num dos órgãos de comunicação comunitária mais antiga de Roterdão.

Reaberta sete anos após ter encerrado devido a problemas financeiros viu-se com novas dificuldades, dado que deixou para trás o seu modo tradicional de se fazer e ouvir rádio que visivelmente deteve as suas consequências desagradáveis para com os antigos ouvintes desta mesma rádio que se sentiram insatisfeitos com esta transição. Tornando assim mais difícil o reconquistar da comunidade que agora beneficiava com mais e diversas formas de acesso a informação.

Assim, este relatório de estágio começa por fazer uma breve reflexão sobre os objetivos de atuação das rádios comunitárias para com a comunidade tal como a sua importância e a utilidade, passando por um breve percurso das rádios piratas até ao nascimento das rádios comunitárias, realizando consecutivamente uma breve retrospectiva da inserção das rádios no mundo virtual após o advento da internet.

Após esta análise teórica, afunilamos o estudo para o caso da Rádio Voz de Cabo-Verde. O presente trabalho complementa o estudo com o conhecimento prático adquirido ao longo do estágio, conjugando-o ainda com um inquérito aplicado a 372 residentes cabo-verdianos em Roterdão que teve como objetivo ilustrar o acompanhamento dos mesmos em relação aos impactos sofridos (ou não) devido a sua transição para o online.

PARTE I – REVISÃO TEÓRICA

CAPÍTULO 1.

Para uma definição de rádio comunitária

Um dos pressupostos básicos da rádio comunitária é a participação da comunidade, uma vez que faculta um espaço de expressão. Nesta linha de pensamento, a simples presença de uma rádio comunitária com vozes locais, por mais diferente que seja a sua forma de atuação, por não reproduzirem a lógica de emissoras privadas constituem-se de facto como expressão das comunidades.

Entretanto, trata-se de uma incumbência difícil para não dizer um tanto impossível definir de uma forma genérica e exclusiva o conceito de uma rádio comunitária, dado que se encontra sobretudo diferenciada por experiências sempre singulares, apresentando ainda diferentes trajetórias de práticas e conceitos.

Uma das distinções envolve o seu raio de cobertura. Alguns autores defendem que estações de rádios comunitárias devam cobrir uma área geográfica, com um raio de cobertura de até 5 km. Caso este, previsto pela entidade *Ofcom*, regulador da média no Reino Unido:

"Community radio stations typically cover a small geographical area with a coverage radius of up to 5km and run on a not-for-profit basis. They can cater for whole communities or for different areas of interest - such as a particular ethnic group, age group or interest group. Community radio stations reflect a diverse mix of cultures and interests. For example, you can listen to stations which cater for urban or experimental music, while others are aimed at younger people, religious communities or the Armed Forces and their families¹" (Ofcom, 2016).

Já no Brasil, em relação ao raio de cobertura que caracterizaria uma rádio comunitária, não poderia ultrapassar-se da extensão de 1km, geridas ainda por um conselho de entidades, aonde são proibidos o controlo por parte de instituições religiosas, político-partidárias ou por empresários. Esta legislação em vigor é sobretudo criticada por estabelecer uma série de limitações: o alcance do sinal é de 1 Km; concedida somente uma frequência por município; não permitindo publicidade; exigindo que os diretores residam dentro da área circular de 1 Km (de alcance da emissora).

¹ Site da Ofcom -<http://consumers.ofcom.org.uk/tv-radio/radio/a-guide-to-community-radio/>- consultado no dia 27-01-2016.

Neste caso, por definição, as rádios comunitárias no Brasil são:

"Um tipo especial de emissora de rádio FM (Frequência Modulada), de alcance limitado a, no máximo, 1 km a partir de sua antena transmissora, criada para proporcionar informação, cultura, entretenimento e lazer a pequenas comunidades. Trata-se de uma pequena estação de rádio, que dará condições à comunidade de ter um canal de comunicação inteiramente dedicado a ela, abrindo oportunidade para a divulgação de suas ideias, manifestações culturais, tradições e hábitos sociais".(ABRAÇO/RS, Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária no Rio Grande do Sul).

Segundo López Vigil, uma emissora só pode autointitular-se de comunitária quando “promove a participação dos cidadãos, quando responde aos desejos da maioria e faz do bom humor e da esperança a sua primeira proposta; quando informa com verdade; quando ajuda a resolver os mil e um problemas da vida cotidiana; [...] quando a palavra de todos voa sem discriminações ou censuras.” (2003:506).

O conceito mais amplo é apresentado pela Associação Mundial de Radiodifusores Comunitários (AMARC), fundada em 1983 com o intuito de acompanhar e apoiar a criação de um setor mundial de radiodifusão comunitária. Esta organização reúne hoje 4351 Rádios Comunitárias (membros votantes), em 126 países, e promove a solidariedade, o intercâmbio, a cooperação e os interesses dos Média comunitários a nível local, regional, nacional e internacional. Para a AMARC, rádio comunitária define-se do seguinte modo:

"Rádio comunitária, rádio rural, rádio cooperativa, rádio participativa, rádio livre, alternativa, popular ou educativa (...) Quando promove a participação dos cidadãos e defende os seus interesses, quando reflete os gostos da maioria e produz bom humor e informa com verdade; quando ajuda a resolver os mil e um problemas da vida quotidiana; quando nos seus programas são debatidas todas as ideias e todas as opiniões respeitadas; quando a diversidade cultural tem primazia sobre homogeneidade comercial; quando as mulheres são as principais intervenientes na comunicação e não apenas uma voz bonita ou um atrativo de publicidade; quando nenhum tipo de ditadura é tolerado; quando a palavra de todos pode ir para o ar sem discriminação ou censura, isso é uma rádio comunitária"².

A natureza de uma rádio comunitária pode ser identificada de acordo com quatro características: 1. Propriedade da comunidade (geográfica ou de interesse); 2. Sem fins lucrativos (visa apenas objetivos sociais); 3. Gerida pela comunidade (sem interferências externas, públicas ou privadas, políticas ou comerciais); 4. Programação

² AMARC- <http://www.amarc.org/?q=node/71>- consultado no dia 27-01-2016.

deve refletir problemas, necessidades e aspirações da sua comunidade. A comunidade participa, assim, na propriedade do meio, na programação, na administração/gestão, na operacionalização, na avaliação e no financiamento:

"It is operated in communities, for communities, about communities, and by communities in local languages. It involves extensive local participation in management and program production. Individual community members and local institutions (including volunteers) are the main sources of support for radio stations. Its motivation is to support the wellbeing of communities, not achieve commercial returns. It focuses on the information most relevant to communities – especially development issues and education" (Locksley, 2008: 7- 8).

A definição da Associação Mundial de Radiodifusores Comunitários fornece-nos dados suficientes para ilustrarmos que uma emissora de uma rádio comunitária não possui fins lucrativos, solicitando que uma grande parcela dos seus serviços seja de voluntariado, proporcionando conteúdos não encontrados nos meios de comunicação social tradicionais.

Contudo, segundo Loreti e Gómez há uma confusão comum entre ausência de finalidades de lucro e ausência de atividades económicas de sustentabilidade. Os autores esclarecem que “a ausência de finalidade de lucro é a atividade que não busca aquisição de entradas para sua acumulação ou sua distribuição ou seu investimento em objetivos diferentes dos que correspondem ao serviço de radiodifusão comunitária” (2009:56).

A partir dessa confusão – ou valendo-se dela – países como Brasil e Chile proíbem publicidade comercial, permitindo somente “apoio cultural” (Brasil) e “menção comercial”, espécies de patrocínio que impedem qualquer promoção de bens, produtos, preços, condições de pagamento, ofertas, vantagens e serviços, acarretando dificuldades de sustentabilidade para as rádios comunitárias de seus países³.

Entretanto Loreti e Gómez ainda afirmam que todos os demais países permitem múltiplas formas de financiamento, inclusive publicidade comercial, todos estabelecendo limites máximos de propaganda por hora de programação, como também acontece com os meios comerciais.

Em relação à realidade brasileira, o professor e jornalista brasileiro João Paulo Malerba defende ainda que no tópico *Sobre a Diversidade de Tipos de Meios de Comunicação*, na Declaração de Amsterdão de 2007, a Relatoria pela liberdade de expressão no Brasil estabelece que a radiodifusão comunitária deve estar expressamente

³ Joao Paulo Malerba, revista Observatorio da Imprensa, http://observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/_ed712_panorama_da_situacao_legal_na_america_sul/- consultado no dia 27-06-2016.

reconhecida na lei como uma forma diferenciada de meios de comunicação, deve beneficiar-se de procedimentos equitativos e simples para a obtenção de licenças, não deve ter que cumprir com requisitos tecnológicos ou de outra índole severos para a obtenção de licenças, deve beneficiar-se de tarifas de concessionária de licença e *deve ter acesso a publicidade* (Ligabo *et al*, 2007).

Não incidindo somente no facto de este ser um trabalho elaborado para a comunidade, mas acima de tudo um trabalhado feito pela comunidade, a diferença de uma rádio comunitária para uma comercial não se cinge somente no facto de a comercial possuir fins lucrativos e a comunitária não, mas também que as suas programações se diferenciem, bem como a forma que o conteúdo deste será produzido e em função da comunidade em questão, dando ainda "voz aos sem vozes":

"The historical philosophy of community radio is to use this medium as the voice of the voiceless, the mouthpiece of oppressed people (be it on racial, gender, or class grounds) and generally as a tool for development." Community radio is defined as having three aspects: non-profit making, community ownership and control, community participation. "It should be made clear that community radio is not about doing something for the community but about the community doing something for itself, ie. owning and controlling its own means of communication."⁴

O conteúdo transmitido por uma rádio comunitária colide totalmente com aquilo que é adotado por uma emissora comercial. Enquanto a programação dos média tradicionais tem o objetivo de massificar a sua programação, a fim de tentar atingir todos os públicos para a maior obtenção de dividendos financeiros, a de uma rádio comunitária é particularizada, direcionada e objetiva, buscando atingir um público específico sem vínculos de quaisquer tipo.

⁴ AMARC - "What is Community Radio? A resource guide". AMARC Africa and Panos Southern Africa. 1998 - In <http://www.amarc.org/?q=node/71> - consultado no dia 27-01-2016.

CAPÍTULO 2.

A importância e a utilidade das rádios comunitárias

As rádios comunitárias são hoje um tipo de mídia de grande representação em grupos mais segmentados em termos de abrangência mediática. Atuam, principalmente, focando-se em assuntos das comunidades, dos grupos marginalizados, dos agrupamentos e segmentos sociais não contemplados pelos média tidos como convencionais:

"Over the years, community radio has become an essential tool for community development. People can recognize themselves and identify with community radio, in addition to communicating among themselves. Community radio is a cultural broadcast mechanism that adapts perfectly to the context of French Canadians. Its airwaves reflect the cultural reality songs, music, writing of the French-speaking population it serves. Community radio stations are the best standard-bearers of our culture. "The tone of each community radio station is well modulated in the image of its listeners. The important thing is to seek out differences. Community radio is an element of closeness, a bridge, a step toward the other, not to make the other like us, but to have him become what he is. It is not a question of having more, but of being, that is the real mission of community radio stations in Canada. Isn't the most meaningful definition of culture the act of making people aware of the greatness they possess?" (Alliance des radios communautaires du Canada, ARC. Canada)⁵.

Fernando Silveira refere também que é neste sentido que as rádios comunitárias, romperão, definitivamente, o vínculo de espúrio e levarão ao povo, independentemente, de cor partidária, sua imparcial visão dos acontecimentos públicos:

"permitindo-lhe, pela primeira vez na história, desfrutar do livre acesso à informação em suas variadas versões, de modo a, mediante um juízo mais seguro, extrair a verdadeira, não deturpada por atos divisionários e ilusórios. Isso naturalmente acontecerá pelo permanente cotejo da informação divulgada com a versão fornecida pelos outros veículos de comunicação" (Silveira, 2001:259).

A investigadora Janey Gordon, e principal conferencista na Universidade de Bedfordshire, onde é coordenadora de um projeto de estação de rádio da comunidade universitária, ensinando a radiodifusão sonora e seus interesses de pesquisa e publicações nesta mesma área, lançou no final do ano de 2012 um livro, denominado de *Community Radio In the Twenty-First Century*.

⁵ AMARC - <http://www.amarc.org/?q=node/71> - consultado no dia 27-01-2016.

O livro apresenta uma incrível variedade de artigos académicos sobre rádios comunitárias de todo o mundo (incluindo a Grã-Bretanha , Filipinas, Uruguai , Estados Unidos, Bangladesh , África Oriental, Hungria , África do Sul , Laos e China) , reforçando a ideia do autor Fernando Silva, destacando o papel cada vez mais importante das rádios comunitárias no panorama mediático do mundo.

Janey Gordon considera que apesar dos média na Africa Oriental se encontrarem presos em políticas turvas da etnia e sectarismo herdadas do colonialismo, nota-se que o ambiente tem vindo a modificar-se positivamente graças à intervenção das rádios comunitárias, que desde 1982 têm vindo a instalar-se nestas regiões.

Janey Gordon refere que "This change has been largely attributed to democratisation, market liberalisation and the availability of more affordable technology. In East Africa, as in many parts of the 'Global South', radio is the dominant mass media" (In Gordon, 2011:1).

A autora ainda afirma que as rádios têm atraído um interesse renovado nos círculos académicos e de desenvolvimento, principalmente por causa do surgimento de rádios locais e comunitárias.

Contudo, afirma que a aplicação e a prática dos princípios de rádio comunitária se encontram notavelmente inconsistente nesta região, referindo-se em particular à má representação de grupos da comunidade, particularmente no sexo (Gordon 2011:7). Entretanto, outra questão focada por Gordon centra-se na forte dependência das rádios comunitárias por parte de doadores e fundos da igreja, afirmando que:

"Such funding is often inconsistent and cannot be relied upon for long term planning and sustainability. A major impediment for community broadcasting is the payment of the licence fees to the Broadcasting Council. Many stations are hard-pressed to afford these fees"(Gordon 2011:8).

A autora receia que apesar dos conteúdos radiofónicos regionais possam apresentar uma mais-valia para o sector em termos de qualidade, o intercâmbio de conhecimento e difusão de informações tal como de opiniões entre as perspetivas locais e regionais, pode fazer com que haja um risco de que a programação desvie conteúdo local e que a maior parte de seu apelo seja como fonte de financiamento.

Nesta mesma linha, Patrícia Mota Paula, licenciada em Ciências da Comunicação, pós-graduada em Jornalismo Internacional, mestre em Estudos

Africanos, sendo atualmente doutoranda em Ciências da Comunicação no ISCTE-IUL, tem publicado artigos científicos sobre radiofonia comunitária em África, sobre comunicação para o desenvolvimento e sobre desenvolvimento sustentável participativo. Num dos seus trabalhos, mais precisamente no seu artigo *Community Radio: the future speaks "glocal"* concentrou-se numa análise comparativa das realidades de rádio comunitárias em dois países africanos lusófonos: Guiné-Bissau e Moçambique, cuja pesquisa de campo local refere-se a 2003, 2004, 2007 e 2009.

Mota afirma que:

"Community radios are essential tools for structuring these new physical, economic, social and cultural dimensions. Local development comprises a vast range of practices and perspectives, a reality deriving from the multiplicity of actors involved in the management of territories. ainda sita uma Estratégia de C4D das Nações Unidas inclui rádios comunitárias Community radio can facilitate contextualizing national development programmes within the immediate community and taking national development goals as close as possible to the intended beneficiaries. Through community radio, members are able to feed-forward on local development concerns, giving an opportunity for development agencies and authorities to get involved in a constructive dialogue on development priorities at local" (283:2011).

Neste sentido, para Neto (2002:67) a rádio comunitária enquadra-se num fenómeno mundial, através da qual se torna possível realizar atividades sociais e educativas, que emergem de “lacunas deixadas por emissoras de médio e grande porte”, desatentas às necessidades das pequenas comunidades, como bairros de uma grande cidade ou pequenos municípios. Ou seja, ao contrário das rádios comerciais as quais procuram rentabilidade económica, almejando ganho político.

A rentabilidade das rádios comunitárias insere-se no sociocultural; grandes ou pequenas, de longo ou pequeno alcance de propriedade cooperativa ou de organização sem fins lucrativos. São assim denominadas as emissoras que representam os interesses de sua comunidade, promovendo a defesa dos direitos humanos e constituindo-se em espaço de participação cidadã (Sousa, Silva 1997:40).

Sousa continua a afirmação defendendo que uma das peculiaridades a notar é a aplicabilidade da informação. Nos média tradicionais, as informações são transmitidas de forma ampla e superficial, nas emissoras comunitárias elas são “interpretadas” para o ouvinte da comunidade local, de forma que ele (o ouvinte) não apenas entenda a informação que está sendo transmitida, mas também perceba a relevância que o fato tem para o seu dia-a-dia.

Peruzzo reforça esta ideia atestando que “as especificidades das rádios comunitárias mostram-se nas identidades alcançadas no nível da cultura, dos valores e necessidades de cada lugar. É tecer uma programação baseada na realidade local de caráter público” (2003:52 – 78). Ou seja, não se trata de reproduzir a nível local as agendas jornalísticas dos grandes média tradicionais, mas sim dedicar atenção aos acontecimentos da vida quotidiana e realizações da própria localidade onde se encontra inserida.

Rildo Albino da Costa, um professor da Universidade Federal de Rondônia, Instituição de Ensino Superior Pública Federal, localizado no estado de Rondônia, Brasil, fez um diagrama onde tentou compilar as diferenças entre a programação de um meio de comunicação social tradicional corporativa e das rádios comunitárias, embora ainda defenda que não se trata de uma aferência de princípios absolutos e universais:

Tabela nº 1 –Média tradicionais x Rádios comunitárias

CONTEÚDO DA PROGRAMAÇÃO	
Mídias Tradicionais	Rádios Comunitárias
Conteúdo massificado	Conteúdo direcionado
Predomina jornalismo informativo	Predomina jornalismo interpretativo
Comunicadores com formação acadêmica, mas que se comunicam de forma pré-programada, formal, mas sem afetação	Comunicadores sem formação acadêmica, mas se comunicam de forma espontânea, coloquial, mas com afetação
Informação em escala nacional e mundial	Informação em escala local
Predomina a cultura de massa	Predomina a cultura local
Transforma conhecimento em informação	Transforma informação em conhecimento
Notícias da macroeconomia	Notícias da microeconomia
A informação chega “de cima para baixo” e é vertical (das instituições ao povo)	A informação chega “de baixo para cima” e é horizontal (do povo às instituições)
Propaganda e publicidade mercadológicas	Propaganda e publicidade institucionais
Presença de jornalismo opinativo	Ausência de jornalismo opinativo
Notícias negativas dos movimentos	Notícias positivas dos movimentos sociais

Fonte- Rildo Albino da Costa, (2011:4).

Na perspectiva do autor, se não fosse esta dissemelhança, as rádios comunitárias tendiam a reproduzir estilos de programação e tendências das rádios convencionais, tanto pela ênfase em conteúdo musical, como no alinhamento político.

Um dos pressupostos básicos da rádio comunitária é a participação da comunidade, um envolvimento maior do que a de um ouvinte que pede músicas ou conversa com os locutores:

“ Na rádio comunitária o ouvinte integra a rádio e tem o direito de informar pelo telefone, deixar o recado para o locutor, ou usar o microfone da rádio para relatar o acontecimento. Para Cléber Silva, da Valente FM, numa RC “o ouvinte participa fazendo a notícia ”. (Luz Dioclécio, 2015:140).

Ou seja, uma emissora com perfil de comunitária não precisa reproduzir as emissoras comerciais para ter sucesso. Ela tem-se revelado como outra rádio, pois é movida pelos objetivos de colocar o canal de comunicação nas mãos do “povo” para que as pessoas possam ecoar suas diferentes vozes e participar de todo o processo de fazer rádio: participar da gestão, produzir programas e planejar toda a estratégia da emissora. De acordo com Peruzzo “as especificidades das rádios comunitárias se revelam nas identidades conseguidas no nível da cultura, dos valores e necessidades de cada lugar. É tecer uma programação baseada na realidade local de caráter público” (2003: 52 – 78).

Cicilia M.Krohling Peruzzo vem defender que se tornou entretanto oportuno realçar, que não é necessário que uma única experiência contenha todas as dimensões apontadas, pois fazer comunicação comunitária implica num processo que tende ao aperfeiçoamento progressivo, principalmente, quando assumido coletivamente.

Reforçando esta ideia, o historiador, e jornalista Alfonso Gumucio Dragon destaca no seu livro “*Sociologia da educação não-escolar*”, uma citação do Detoni, no qual afirmava que:

“A presença de uma emissora comunitária mesmo que não totalmente participativa, tem um efeito imediato na população. Pequenas emissoras geralmente começam a transmitir música na maior parte do dia, tendo assim um impacto na identidade cultural e no orgulho da comunidade. O próximo passo, geralmente associado à programação musical, é transmitir anúncios e dedicatórias, que contribuem para o fortalecimento das relações sociais locais. Quanto a esta cresce em experiência e qualidade, começa a produção local de programas sobre saúde ou educação. Isso contribui para a divulgação de informações sobre questões importantes que afetam a comunidade”. (Detoni In Alfonso Gumucio Dragon 2005:280).

Contudo, apesar destas diferenças e dimensões experienciais que poderão envolver uma rádio comunitária, no Reino Unido, a presença e sobretudo a legalização destas rádios é ainda hoje vista como uma vitória política da Ofcom, a entidade reguladora naquele país. Os benefícios sociais em comunidades mais restritas geograficamente

concretizam-se em casos como as rádios New Style (Birmingham), London's Resonance FM (Londres), Garrison FM (Edimburgo) ou Cross Rhythms in Stokeon Trent (Stoke).

“Community radio, which offers thousands of volunteers the chance to get involved in broadcasting across the UK, is now ten years old. The last decade has seen the number of community radio stations increase from just a handful to more than 230 stations, each reflecting the local needs and interests of its audience. Community radio is a notforprofit sector, largely run by an army of 20,000 dedicated volunteers, who collectively work for around 2.5 million hours¹ every year to bring original programming and locallymade content to listeners around the country”⁸.

Para salientar esta força e adesão das rádios comunitárias, Prehn afirma que na década de 1990, esta diversificação do principal fluxo de transmissão explodiu em duas direções: criação de canais comerciais, no primeiro local, em seguida, nacional; e a criação de rádios comunitárias, como experiências em 1970 e 1980; e em seguida, de uma forma mais generalizada licenciado na década de 1990. Ainda assim, a percentagem de rádio local permanente, que era voltada para a comunidade variou muito, de 100 % nos Países Baixos a 0% na Grã-Bretanha (Prehn in David Dunaway1998:92).

Em relação a Portugal, Fábio Fonseca Ribeiro afirma que do ponto de vista formal não existe regulamentação legal das rádios comunitárias. A última atualização da Lei da Rádio nº 54/2010, de 24 de dezembro continuou omissa em relação às rádios comunitárias, pelo que a classificação das rádios, quanto à área de cobertura geográfica FM, se resume meramente a critérios como internacional, nacional, regional ou local. (2014:116).

O autor ainda indica que apesar desta ausência de regulamentação em torno das rádios comunitárias, em Portugal há existência de algumas práticas de rádios que resgatam um pouco a essência das comunitárias, sem ânimo lucrativo e dinamizadas por comunidades específicas. A primeira emerge somente há 5 anos, mais precisamente em setembro de 2011, na cidade do Porto, com a Rádio Manobras, a primeira rádio comunitária a emitir em FM e que atualmente transmite apenas no *online*, em horário completo de 24 horas.

Relembra igualmente o caso da Rádio Zero, centrada em Lisboa que também emite apenas na Web, desde 2004, com o objetivo de “intervir na sociedade através de

⁸ 10 years of community radio in the UK | Ofcom - <http://consumers.ofcom.org.uk/news/community-radio-at-10/>- consultado no dia 29-01-2016.

conteúdos de cariz comunitário e da promoção de atividades culturais”⁹ (Público, edição de 19-01-2012), uma iniciativa autónoma da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico (AEIST), de Lisboa.

Ainda em Aveiro, fora desenvolvida, entre 2012 e janeiro de 2014, uma programação revolucionária com comunidades de Aveiro, Santa Cruz (Cabo Verde) e São Bernardo do Campo (Brasil), para reforçar a identidade comunitária e valorizar a tradição (Oliveira, 2014).

Esta reduzida experiência no território nacional contrasta drasticamente com as múltiplas iniciativas de rádio comunitária no contexto internacional, onde decorrem vários casos bem-sucedidos em pontos tão geográfica e idiossincraticamente distintos como o Reino Unido, o Brasil, a Austrália, o Chile ou o Nepal. A rádio Khwezi, situada perto de Mapumulo, África do Sul, criada em 1995, é a maior rádio comunitária do país. Através de dois emissores FM, estima-se uma audiência de 140 mil ouvintes diários, a maioria de povoações rurais, subdesenvolvidas ou economicamente exauridas. (Oliveira, 2014:118).

M. Nunes afirma que:

“A atividade desta rádio procura ser abrangente, com formatos exclusivamente dedicados à realidade daquelas populações, a nível social, económico e até espiritual. No Nepal, a partir de 1990, surge a Rádio Sagarmatha, um dos meios de comunicação inspiradores de uma maior participação e envolvimento das mulheres na construção das rotinas de trabalho de aldeias isoladas. A Rádio Ada, no Gana, começou as suas emissões experimentais em 1998, tendo desenvolvido uma ação importante no combate a certas doenças que afetam o território ganês” (2004:56-76).

Fábio Ribeiro no seu artigo “*Reflexões sobre rádios comunitárias em Portugal, do vazio legal a uma proposta concreta*” lembra ainda o caso da Índia, no qual o movimento pelas rádios comunitárias surge como uma instrumento imprescindível para apoiar a vida quotidiana de uma vasta população. Em dezembro de 2002, o Governo indiano, através do Ministério da Informação e Transmissão, abriu oficialmente um período de atribuição de licenças para rádios comunitárias, ainda que neste período inicial tivessem de apresentar algum enquadramento com instituições educativas (2014:120).

⁹ Público, edição de 19-01-2012 - In - <http://p3.publico.pt/cultura/mp3/2000/manobras-primeira-radio-comunitaria-do-pais-em-fm> - consultado no dia 05-03-2016.

CAPÍTULO 3

Das rádios “Piratas” às rádios comunitárias

As rádios comunitárias representam hoje um espaço importante no contexto mediático mundial, mas para aqui se chegar foi preciso passar por um processo. As rádios piratas, pelas suas características, estão na base desse processo. Como afirma Machado et al, o nome 'Pirata' fora cunhado no final da década de 50, quando emissoras começam a emitir sinais de rádio diretamente de barcos na costa de países europeus, para escaparem à fiscalização e ao controlo rígido e exclusivo do Estado (1987:60) em relação a radiodifusão da época.

Machado relata ainda a forma como as rádios Piratas fizeram história: "Rádio Merkur, por exemplo, emitia nas costas de Copenhague (Dinamarca), a Nord nas costas de Estocolmo (Suécia), a Verônica em águas holandesas, a Caroline e a Atlanta no mar da Inglaterra" (1987). O autor ainda explica que as rádios piratas não queriam só a democratização deste meio, mas também:

“ Introduzir na Europa um estilo radiofónico norte-americano, assente na difusão de música pop e na animação dos disk-jockeys. Se considerarmos que as rádios do monopólio eram, nessa época, palavrosas, enfadonhas e demasiado obcecadas com a difusão de música clássica, não é difícil imaginar que as piratas ganharam terreno em pouco tempo. A rádio Caroline chegou a conquistar 28 milhões de ouvintes entre 1964 e 1968” (Machado 1987:60-61).

Praxedes dos Santos (2014:87) afirma que alguns autores deixam claro que as rádios piratas nada a ver têm com as emissoras livres surgidas pelo mundo fora e em terra firme. As livres são, simplesmente, as emissoras de rádio que operam sem autorização do poder concedente. As Rádios Piratas de uma certa forma, foram um antecedente de todas as rádios livres, um grande empurrão feito por um movimento em alto mar, que mais tarde impulsionaria países pelo mundo, como Inglaterra, França, Espanha, Itália e mais tarde Portugal, no início dos anos 70 a fazerem então frente ao estado, no sentido de o democratizar o meio radiofónico.

“ Quando a emissora inglesa pirata foi apreendida e começou a surgir centenas de emissoras dentro do território inglês, esse movimento passou a se chamar de rádios livres, mesmo porque o termo pirata não cabia na identificação daquela atividade. As

Rádios Livres passaram para o território francês, depois para o italiano, para o alemão e segue-se numa onda acompanhando o desenvolvimento tecnológico da comunicação pelo mundo. As rádios livres existiam desde a década de sessenta nos EUA e lá foram atendidas pelo estado norte-americano que reserva uma parte do Dial para esse tipo de manifestação. Não existem nem concessões e nem permissões para o funcionamento dessas emissoras, apenas regras técnicas para protegê-las do interesse do grande capital. Quem controla essas emissoras é a própria população que pode solicitar seu fechamento”⁹.

Neste seguimento, na Europa, a consciência pela legalização de rádios clandestinas começou a ganhar força, devido à multiplicação de experiências neste sentido. A radiodifusão teve mesmo de se reorganizar, dada a confusão de emissoras ao longo da frequência do sinal elétrico.

Segundo Peruzzo, a primeira rádio livre surgiu em 1925, na Áustria, numa emissora sindical que fora a pioneira de muitas outras que adviriam depois como as rádios Espanha Independente; Sucre, na Bolívia; A Voz da Argélia Combatente e a Rebelde, de Cuba.” (2004:241).

Referimos a rádio Alice, que se enquadra num patamar, merecedor de um destaque pelo trabalho realizado naquela época. A sua atuação começa em 1976, como uma das derivações de um grupo diretamente mergulhado na ação política.

“Alice se caracterizava, antes de tudo, pela recusa de assumir uma postura político-partidária definida nos termos convencionais e por trazer à discussão pública temas malditos como o corpo, o desejo, o prazer e a preguiça. Com muita frequência, mesclava valores estéticos com ações políticas, retomando a atitude desmistificadora do dadaísmo num contexto pós-moderno ” (Machado, 1987:69).

Os seus "militantes" atalhavam as emissões realizadas pelo governo italiano e aliavam-nas com outras informações que não tinham nenhuma semelhança com as exibidas pelo Governo. De acordo com Machado (1987:69 – 71), o sucesso da rádio Alice e o temor que ela causava nos governantes vinham desse comportamento.

Este caráter e movimento inventivo da rádio fizeram com que se alargasse o “recurso ao microfone aberto” (Bonix, 2006: 161), iluminando recantos silenciados pelo discurso mediático, com novos atores e novas dinâmicas sociais. Esta ‘rádio participada’ tornou-se popular entre os cidadãos pela necessidade de fuga a comentadores e interesses instalados ou ao sensacionalismo fútil, a partir de “sintonias amigas” (Perona, 2009).

⁹ Site do Angelfire- <http://www.angelfire.com/ak/nossafm/tudo.html> - consultado no dia 11-02-2016

Nesta linha, retomamos então a tese de que apesar de alguns relatos indicarem que a primeira experiência de rádio comunitária surgira durante uma longa greve de trabalhadores rurais na Bolívia, na década de 40, as referências mais consensuais sobre a origem deste movimento remontam à emergência das rádios Livres, e Piratas, Kaplún (1990). Nesta linha, Garcia de Sousa até afirma que “as “rádios comunitárias” podem ser assim consideradas como um outro momento das rádios livres.

“Elas nascem a partir da organização das rádios livres como movimento e da disseminação destas entre as classes populares, que passam a fazer uso do rádio como veículo de entretenimento e organização social. As rádios comunitárias têm como preocupação fundamental possibilitar o acesso da comunidade ao rádio, para que o veículo seja um instrumento (meio, e não fim) de mobilização e conquistas populares dentro de determinada comunidade”. (Garcia de Sousa 1997:21).

Falando ainda do poder e das transformações importadas pelas rádios livres, o professor Luís Bonixe no seu artigo “*Rádios locais em Portugal: uma análise do discurso jornalístico*”, refere que, devido a esta nova realidade de movimentos radiofónicos, criou-se uma nova vaga no acesso das populações aos meios de comunicação social, incentivando novas práticas discursivas no meio radiofónico, no qual os grupos sociais, até então com pouca visibilidade nos *media*, passaram a dispor. (2006). Bonixe ainda afirma que “o que as rádios livres trouxeram foi a possibilidade de todos os grupos sociais poderem expressar-se através de um meio de comunicação social. E que esta nova forma de comunicação colocou um ponto de interrogação sobre o papel a desempenhar pelos sistemas tradicionais de representação social” (2006:156)

Contudo, nesta sequência vale a pena recordar igualmente que o aumento das rádios comunitárias se dá exponencialmente hoje em grande parte por causa da democratização, liberalização do mercado, mas também devido a emergência da Internet e de uma tecnologia mais acessível. (Gordon, 2011).

Tal como sucedeu com as rádios livres nos anos 60 e 70, quando surgiram um pouco por toda a Europa, a imergência da Internet, nos anos noventa do século passado veio trazer importantes e profundas alterações, num contexto de mudança, na vida dos pequenos e “grandes” órgãos de comunicação social e na vida dos próprios jornalistas.

CAPÍTULO 4.

A reconcentração dos tempos (Rádio e Internet)

A rádio entrou numa fase de transição permanente pela aceleração da tecnologia, num processo no qual já não se vislumbra um ponto fixo da sua chegada. Antes o FM foi introduzido e houve um tempo para sossegar, ensaiar, depurar e permanecer. Agora a Internet penetra e tão logo experimentou uma oferta e imediatamente apareceram outros desenvolvimentos nela que superam a conceção ciber-radiofônica para iniciar outras modalidades comunicacionais sonoras (Cebrian Herreros 2011: 73). Ainda nesta sequência, Herreros tenta explicar a evolução e a associação da rádio em relação a tecnologia:

“a rádio empreendeu a sua terceira transformação, depois da primeira da década de 40-50 baseada nas contribuições dos transístores, gravadores magnéticos, frequência modulada e estereofonia. A segunda é da década de 80-90 da digitalização e convergência dos meios. A terceira transformação se produz pela presença das plataformas de internet e telefonia e a convergência das plataformas anteriores com as novas até gerar o entorno multiplataforma atual. Passa-se da convergência de meios ou multimídia à convergência multiplataforma. Nasce uma nova concepção comunicacional interativa em que predominam, além das contribuições específicas de cada uma, as sinergias, inter-relações e vinculações entre elas para explorar os meios, conteúdos e serviços com orientações de adaptação e criação de outras linguagens” (2011:74).

Devido a esta convergência de meios alguns autores, vêm defender que esta revolução trazida pela Internet altera sobretudo a conceção tradicional que outrora se tinha da rádio. Como nos afirma Nair Prata, diferente de décadas atrás “a rádio agora detém imagens em movimento, fotografias, hipertextos, links, interação por meio de imagens e uma não linearidade” (2008:03), eliminando assim particularidades inerentes e exclusivas à rádio, como por exemplo a linearidade e a não repetição dos conteúdos que detinha em outros tempos, informando os seus ouvintes apenas em modo sonoro, fosse ela Pirata, Local, Regional, Comercial ou Comunitária.

“ Esta nova realidade fez com que neste início do século XXI, um debate emergisse, levando os profissionais da radiofonia e do meio académico a colocarem questões como: poderá a internet deglutir a rádio? Os novos e modernos formatos em áudio podem ser definidos como rádio? Os novos gêneros de rádio que surgem na Internet poderão por em causa o modelo tradicional que conhecemos? Os Média como rádio, TV e jornal terão existência apenas no computador em um futuro próximo? “ (Nair Prata, 2008:1).

Querendo comparar esta realidade com outras situações que remontam ao passado, Meditsch afirma que a história da rádio anteriormente já fora marcada por dois momentos de intensos debates acerca de sua existência no futuro. O primeiro grande debate aconteceu na década de 50, com o surgimento da televisão, no qual se acreditou que a rádio poderia acabar, já que o novo veículo que nascia, além do som, tinha também imagem.

“ O velho fantasma da extinção da rádio ronda mais uma vez os nossos estúdios, trazendo angústias e incertezas a seus profissionais e gerando confusão entre os estudiosos do meio. Agora, a ameaça se chama internet, o fenômeno que parece querer subjugar o mundo nesta virada do milênio, devorando todas as mídias que o antecederam, até mesmo a televisão, até há pouco tão garbosa no seu domínio sobre a civilização. Diante de tal poder e voracidade, quem tem chance de sobreviver? Alguém é louco de apostar no rádio? “ (Meditsch In Nair Para 2008:1).

Em relação a esta discussão Mariano Cebrian Herreros vem afirmar que:

“ a rádio atual simplesmente ampliou seu campo comunicativo próprio e entrou na disputa em um conjunto complexo de plataformas comunicativas. Já não se pode examinar suas mudanças sem considerar as transformações internas e o grande desenvolvimento dos demais meios e serviços com que tem que estabelecer relações tensas de readaptações para manter sua implantação na sociedade. O rádio não é uma ilha, integra um ecossistema comunicativo em constante mutação, complexo e com adaptações” (2011:69).

Herreros ainda exalta que:

“ O que ocorre é a acumulação de modelos e ofertas e são os usuários os que se entregam a umas ou outras. Há uma coexistência de todas as plataformas, ainda que se submetam a reajustes contínuos. As emissoras localizadas em cada uma destas plataformas seguem vicissitudes similares. Pode-se dizer que junto aos modelos generalistas e especializados convivem modelos emergentes das plataformas internet e telefonia móvel em seu conjunto e de cada uma das plataformas que nasçam para oferecer rádio sob demanda, programas em podcast, distribuição através de iTunes, Spotify e outros, meios sonoros sociais fixos e móveis” (2011:73)

Recordamos ainda que esta preocupação do poder da Internet em relação aos meios de comunicação tradicionais deve-se principalmente por causa do ganho de espaço deste fenômeno nas rotinas diárias dos cidadãos, que se tornou num “veículo agregador de milhões de pessoas comunicando entre si, alterando a forma como pensamos como organizamos e até a nossa própria identidade (Turkle, 1997:48). Fora

por isso que “depois do estouro da bolha no início do ano 2000, para continuar no mercado e também para adaptar o jornalismo ao ‘gosto’ do público do século XXI, as grandes empresas precisaram entrar na ‘era da convergência” (Roberta Steganha 2010:23).

“ A revolução tecnológica possibilitou o surgimento de um ambiente cultural singular e universal constituído por técnicas, práticas, modos de pensamento e valores que inclui o conhecimento, as crenças, a ética, os costumes, os saberes cotidianos e os hábitos construídos nas relações entre pessoas, grupos, instituições ou organizações sociais informais com o aparato técnico da infra-estrutura material da comunicação digital. Progressivamente essa revolução implementa novas modalidades organizacionais, sociais e cognitivas, como as comunidades virtuais e a construção de uma inteligência coletiva” (Lévy In Bianco 2008:3).

Por sua vez Castells vem reforçar, que “a Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação (2003:287). O autor aborda assim a Internet como um instrumento que veio revolucionar as relações entre as pessoas e o seu quotidiano.

Neste seguimento para alcançar um maior público, as rádios passaram a oferecer uma transmissão *online*, isto é, um único produto mediático, com a possibilidade de acesso simultaneamente no aparelho de rádio e no computador. Não ficando só por aqui alguns viram “a Internet não apenas como uma alternativa de sobrevivência, mas também a possibilidade de transformá-la numa oportunidade” (Canavilhas & Satuf, 2014:33). Trata-se sobretudo do caso das Web-rádios cujo custo torna-se muito mais acessível no Mundo online.

4.1– Web-Rádios

Antes de entrarmos nos elementos integrantes de uma web-rádio, gostaríamos de nos deter, brevemente, no que toca a mudança entre o modelo hertziano e o digital via Internet. Com o advento da Internet, empresas em geral começaram a criar as suas páginas na internet para uma interface com o consumidor. A rádio viveu assim o mesmo processo e muitas emissoras passaram a ter um site na rede, com informações sobre a empresa e os locutores, letras de músicas, tabela de anúncios publicitários, etc. Nesta linha Nair Prata explica que:

“ a transmissão de rádio via internet criou uma nova experiência para os amantes do rádio. Pessoas que estão afastadas de sua cidade natal utilizam o e-mail da rádio para mandar mensagens para os familiares, que são colocadas no ar pelos locutores. Além de agilizar o trabalho comercial da emissora, a transmissão via Internet também aproxima ainda mais a rádio de seus ouvintes, funcionando quase como um correio, fortalecendo o seu caráter local” (2008: 46).

O nosso foco, entretanto, centra-se numa rádio com existência exclusivamente na internet, a web-rádio. Como afirma Nair Prata “ Por web-rádio entende-se a emissora radiofônica que apenas poderá ser aderida através de uma URL (Uniform Resource Locator), um endereço na internet, não mais por uma frequência sintonizada no dial de um aparelho recetor de ondas hertzianas” (2008:44). Neste sentido, Paula Cordeiro vem trazer à superfície a discussão das rádios com presença exclusivamente online.

“ Na Internet, a rádio reúne música, informação e publicidade, em paralelo com outros componentes como animações, imagens estáticas ou em movimento. Os novos suportes permitem a introdução de componentes (gráficos, tabelas, fotografias, textos escritos, imagens de vídeo) que vêm complementar a informação disponibilizada pelo meio. O caminho a traçar para a webradio é mais complicado, porque são projectos que vivem exclusivamente na Internet e podem redefinir o próprio conceito de rádio, pelas possibilidades que o visitante não conseguirá encontrar no formato tradicional e pela difusão das emissões à escala mundial” (2004: 4).

Nair Prata fala ainda das características de uma web-rádio, afirmando um pormenor que difere dos *sites* das web-rádios de tantas outras páginas da internet: um botão para a escuta sonora dos conteúdos. Ao clicar nesse ícone, poderá ouvir-se a transmissão radiofônica (2008). Nair Prata ainda assevera que uma web-radio pode oferecer não apenas um só canal de áudio, como estamos habituados na rádio hertziana, mas também um amplo espectro de opções para todos os gostos. Uma web-rádio deve ser portanto entendida, como uma grande constelação de elementos significantes sonoros, textuais e imagéticos abrigados no suporte Internet. (Ibidem).

As características da maior parte destas rádios obrigam-nos a pensar em novas designações para o conceito, pois em muitos casos é difícil precisar até que ponto não passarão estes projectos de uma mera oferta de conteúdos para a rede, ainda sem definição concreta. O novo modelo começa a desenhar-se, mas está ainda em desenvolvimento, não sendo possível, por enquanto, saber a medida exacta dessa nova “rádio” (Cordeiro, 2004: 4).

Cordeiro ainda acredita que uma web-rádio transforma-se num meio essencialmente visual. Depende da qualidade gráfica do seu *site*, para atrair os visitantes. Os novos sistemas de difusão para a rádio, desenvolvem novas formas e expectativas. São rádios que resultam da integração do multimédia num suporte também novo, o único que permite a convergência de meios. O esquema de funcionamento da rádio é alterado, apresentando os seus conteúdos de forma diferente.

Entretanto, deve ainda reter-se que para oferecer conteúdos radiofónicos tal como de qualquer outro meio de comunicação jornalístico por meio da internet, de forma diferente e potenciada, torna-se necessário usufruir das potencialidades que esta mesma oferece.

CAPÍTULO 5.

Potencialidades do Online

Como nos revelou uma grelha de análise em 2008, realizada por Fernando Zamith, a partir da tabela de Schultz, a internet possui potencialidades para o ciberjornalismo, que ainda não são aproveitadas na sua totalidade.

Tabela nº 2 – Tabela de Zamith

POTENCIALIDADE	PONTUAÇÃO/PERCENTAGEM
Interactividade	25
Hipertextualidade	20
Multimedialidade	12
Instantaneidade	12
Ubiquidade	4
Memória	12
Personalização	12
Criatividade	3
TOTAL (Máximo)	100

A tabela tem uma pontuação mínima de 0 pontos e máxima de 100 pontos, pelo que a sua aplicação permitiu concluir, sem operações posteriores, que percentagem de aproveitamento das potencialidades da Internet. Assim, à interatividade foi atribuído um máximo de 25 pontos (25%), à hipertextualidade 20, à multimedialidade, instantaneidade, personalização e memória 12 pontos cada, à ubiquidade 4 e à criatividade 3.

Para Zamith, “entre vantagens e desvantagens, muitas são as áreas em que a Internet se distingue dos meios tradicionais, o que justifica a produção de um novo tipo de jornalismo, adequado ao meio e tirando partido das suas potencialidades” (2011:26). Sendo assim, passamos de seguida, neste relatório, a explicar algumas das potencialidades do ciberjornalismo que consideramos relevantes para perceber a rádio Voz de Cabo Verde, onde estagiámos.

5.1. Instantaneidade

“As publicações na Internet têm o imediato da rádio, a profundidade dos meios impressos e as capacidades interactivas que o mundo nunca tinha visto em qualquer outro tipo de media. Com estas vantagens, os jornais tradicionais impressos apressam-se a reclamar o seu espaço online, a maioria

disponibilizando parte da sua publicação impressa e alguma informação básica sobre as suas publicações impressas.” (Boulter in Bastos, 2000:108).

Trata-se de uma das razões de êxito do jornalismo na Internet, que vai ao encontro do imediatismo que esta rede proporciona, “ interagindo e estabelecendo trocas entre quem produz e quem consome a produção jornalística, e quando interativo pode ser interrompido por um dos participantes, no qual todos têm chance de atuar;” (Lippman,1998). E neste sentido o entendimento de comunicação vai além das trocas verbais, uma vez que para essa escola, todo comportamento é comunicação” (Watzlawick, Beavin e Jackson In Primo 2000:3).

“A interação e a promessa da interatividade tornam-se hoje muito mais do que uma ferramenta no fazer jornalístico. A interação mediada por computador no conteúdo jornalístico talvez adquira a qualidade mais nobre almejada pelo jornalismo: promover transformação social. Dar voz a quem quer falar e deixar quem quiser se expressar. O leitor que procura os caminhos por entre os hiperlinks e se predispõe a sair do estado de mero espectador de informação para também produzi-la.” (Laura Seligman & Monike L. S. Furtado 2011: 400).

A interação e a promessa da interatividade tornam-se assim hoje muito mais do que uma ferramenta para o jornalismo. A interação mediada por computador no conteúdo jornalístico talvez adquira a qualidade mais nobre almejada pelo jornalismo: promover transformação social. Dar voz a quem quer falar e deixar quem quiser se expressar. O leitor que procura os caminhos por entre os hiperlinks e se predispõe a sair do estado de mero espectador de informação para também produzi-la.

Ainda numa projeção mais ousada, os leitores/utilizadores poderiam até ser incluídos no processo de elaboração das notícias. Os leitores seriam assim transformados em produtores e co-autores das notícias.

“A produção de notícias e reportagens do futuro será mais parecida com uma troca de ideias ou com um seminário. A linha divisória entre produtores e consumidores vai esbater-se, provocando alterações, que só agora começamos a antever, nos papéis de cada um dos grupos.” (Gillmor, 2005: 15).

5.2. Multimedialidade

No contexto do jornalismo *online*, “ multimedialidade, refere-se à convergência

dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico.” (Palácios, 2003:2). Segundo Zamith, o facto de diversas plataformas recorrerem a esta ferramenta para enriquecerem a informação, justifica que se tenha tornado na potencialidade que menos discussões fizeram levantar entre os teóricos da área.

Ainda perante a observação do autor, a reportagem multimédia e a infografia adaptaram-se com maior agilidade e credibilidade ao novo suporte, tornando-se como uma muito interessante potencialidade jornalística, por permitir a criação de uma narrativa mais rica e mais contextualizada (2001:34).

Contudo, por um outro lado, com a multimedialidade presente em cada peça jornalística, os jornalistas viram-se obrigados a inovar e a adaptar, tornando-se assim num novo profissional multifacetado devido às diversas ferramentas presentes. Como refere Bastos, “os repórteres fazem as suas coberturas munidos de um ‘kit multimédia’, que inclui computador portátil, câmara de vídeo, microfone e gravador de som” (Bastos, 2000: 126).

Contudo vale a pena ainda recordar que por um outro lado criou-se também um novo profissional com a imposição de transmitir notícias de última hora, realizando todo o processo desde de pesquisa à elaboração, em frente à sua secretaria através da Internet e com o telefone.

5.3. Hipertextualidade

A hipertextualidade, como potencialidade do jornalismo *online*, oferece uma liberdade de escolha incomparável aos meios tradicionais porque permite ao utilizador construir caminhos interativos, com links direcionados a outros textos, imagens, vídeos - abarcados nos artigos ciber-jornalísticos. Sendo assim, de forma mais simples e aplicável ao ciberjornalismo, Salaverría define esta potencialidade como a “capacidade de interligar vários textos digitais entre si” (2005: 30).

“Uma das características mais significativas do jornalismo digital é que, graças à utilização de hipertextos como sistema de publicação, as notícias podem incluir ligações a informações publicadas anteriormente pelo mesmo meio ou

podem permitir a consulta de base de dados do meio que contém todas as informações publicadas nos últimos meses ou anos.” (Codina In Bastos, 2000:123)

Trata-se então de uma base de dados hipertextual que apresenta uma interface para permitir ao utilizador navegar por tal base, passar pelos *links* desejados, explorando novas áreas de interesse. Dessa forma, cada leitor tem a capacidade de decidir o rumo de informação que quer levar e a forma como a pretende gerir. Consequentemente, gera-se uma liberdade individual que contrasta com a linearidade formatada nos textos tradicionais. (Bertocchi, 2007: 134-137).

Se antes, no modelo tradicional, o texto se organizava linearmente, hierarquizado, e específico; hoje, com esta potencialidade, o leitor tem a liberdade de escolher o caminho para a sua leitura abolindo formatações prévias. Tornou-se um ser mais ativo e participativo (Reges, 2011).

5.4. Interatividade

Esta potencialidade alterou alguns hábitos de comunicação entre leitores e Media e aboliu a hierarquia de quem assegurava o primeiro e único lugar responsável pela reprodução de informação. Desta forma, o leitor tornou-se um elemento ativo, participativo e produtor nas rotinas de informação em que questiona, adiciona e opina sobre determinadas informações. Isto permite que os meios de comunicação conheçam melhor o seu público.

A possibilidade de *feedback* na interação entre as pessoas e os meios de comunicação insere o leitor num processo de comunicação, diálogo e conversação distinto dos meios tradicionais.

“Interatividade é uma das características mais proeminentes que distingue os media online dos media tradicionais. A tecnologia da Internet permite uma verdadeira comunicação bidireccional, utilizando o correio electrónico e os fóruns de discussão como meios de interligação na comunicação de massas ou na comunicação interpessoal em pequena escala.” (Kopper *et al.* in Barbosa, 2001:5)

5.5. Memória

Com a memória no ciberjornalismo, os limites de armazenamento desapareceram. Esta característica veio agregar mais valor ao conteúdo, na medida em que trouxe vantagens, não só aos emissores de informação como aos recetores.

A memória permite que se encontrem notícias antigas que venham sustentar ou complementar a informação atual: “a acumulação de informações é mais viável técnica e economicamente na Web do que em outras mídias” (Palácios, 2003b:4).

Isto porque, segundo o autor, através das hiperligações o acesso a artigos já arquivados é facilitado pela capacidade de o meio conseguir guardar sem limites um conjunto extenso de informações. Isto só se torna possível com a memória *online*.

5.6. Ubiquidade

A ubiquidade da Internet permite ao cibermeio explorar um mercado mundial e não apenas local, regional ou nacional, como acontece na esmagadora maioria dos órgãos de comunicação social tradicionais.

“Este enorme potencial passou a ser encarado de forma mais séria e atenta com a expansão da Internet para os dispositivos móveis. O smartphone ou o tablet acompanham-nos para todo o lado, o que reforça o potencial ubíquo da Internet.” (Zamith, 2011:35).

5.7. Personalização

A personalização das notícias *online* permite que haja uma configuração ou uma pré-seleção de assuntos ajustados aos interesses do utilizador. Palácios explica que esta potencialidade permite que o utilizador configure os conteúdos produzidos pelos *Media* de acordo com os seus interesses. Essa configuração passa por escolher previamente os assuntos, hierarquizá-los e decidir o seu formato visual. “Assim, quando o *site* é acessado, a página de abertura é carregada na máquina do Usuário atendendo a padrões previamente estabelecidos, de sua preferência” (2003b:4).

Deste modo, as notícias ganharam a vantagem de se tornarem mais específicas e à medida do leitor. A personalização, como potencialidade dos meios jornalísticos na Internet, procura responder às necessidades e aos interesses particulares dos mesmos, de modo a que a informação disponibilizada seja a mais desejada para os eventuais interessados.

CAPÍTULO 6.

RÁDIO VOZ DE CABO-VERDE BREVE HISTORIAL

Abordámos até momento a componente teórico que considerámos relevante para o nosso relatório e que permitirá compreender melhor a realidade da Rádio Voz de Cabo Verde. Nos próximos capítulos abordaremos, em concreto, a experiência obtida enquanto estagiária nesta rádio. Começamos este percurso com uma breve apresentação histórica da Rádio Voz de Cabo Verde.

Trata-se de uma rádio comunitária, situada em Roterdão (Holanda) inaugurada por um conterrâneo António Badiu, no início dos anos 70, quando constatou que a cidade estava a receber cada vez mais emigrantes (cabo-verdianos) que chegavam aos portos em navios, tentando um futuro melhor na terra dos países baixos. Nestes termos pretendia-se com a sua implementação aproximar, unir e reforçar os laços de grande afinidade cultural nascidos de um denominador comum.

Com poucas ou nenhuma informações oficiais, para além dos relatos boca-a-boca de residentes da comunidade cabo-verdiana em Roterdão, refere-se que esta mesma rádio denominava-se na época de *Rádio Di Povo*, tendo mudado de nome mais tarde, bem como cinco vezes de gerência. Entretanto, em conversa com antigos membros da rádio tornou-se relevante e contagiosas as narrações que descrevem a importância que esta emissora teve, entre o início dos anos 90 e meados do ano 2000, para a comunidade cabo-verdiana em Roterdão, que com equipamentos e profissionais adequados soube executar de forma exuberante o trabalho de uma rádio comunitária emitindo na frequência 107.5 FM.

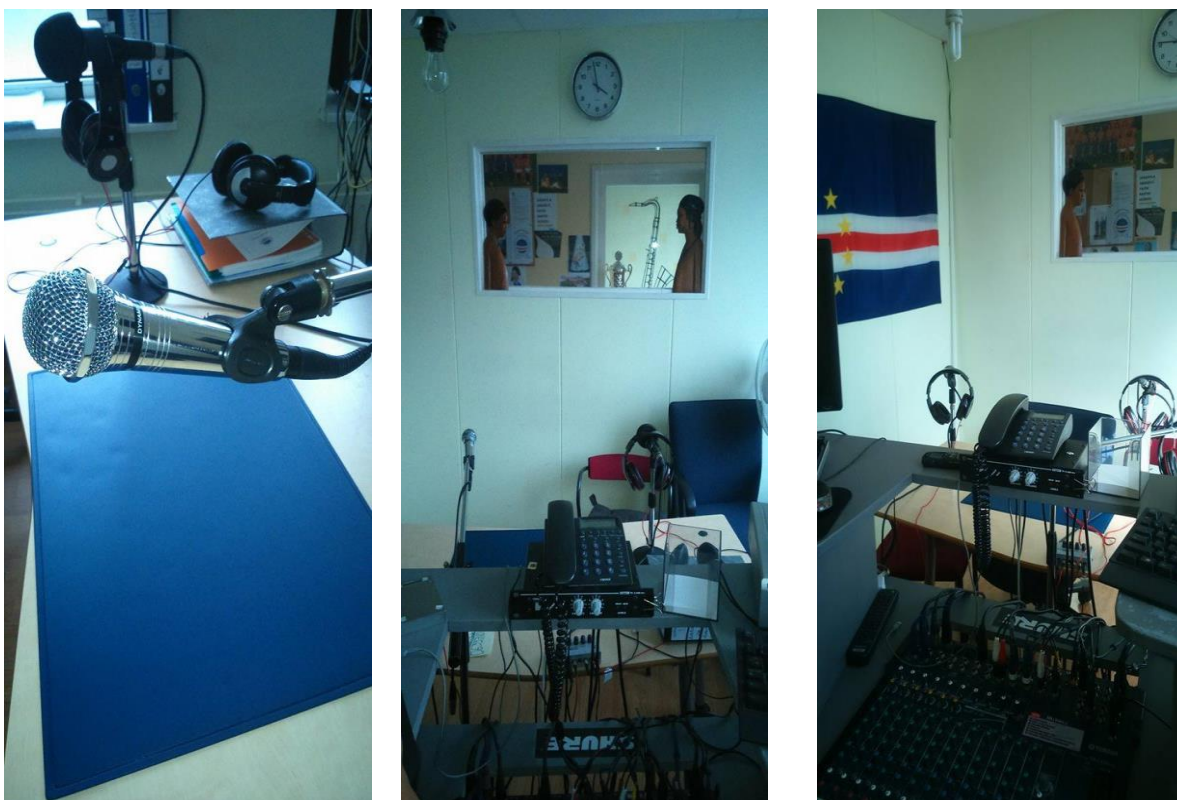
Relata-se ainda a adesão carinhosa e contínua do público a todos os conteúdos da rádio, tal como inúmeros telefonemas, visitas, informações trazidas pela própria comunidade à rádio, e a união que se fazia sentir fora e dentro daquele pequeno estúdio de rádio que unia a comunidade cabo-verdiana residente em Roterdão.

Entretanto, com a emissão cancelada desde 2008, devido a problemas financeiros, correspondente principalmente a cortes de apoios da câmara municipal a rádios comunitárias em Roterdão, (uma das grandes razões da subsistência da rádio) o

conterrâneo e imigrante Luís Fortes (diretor da atual Rádio Voz de Cabo-Verde), conta que sentiu "uma necessidade tremenda de reabrir seis anos depois (1 de Novembro de 2014) esta rádio que em outros tempos nos informara e unificara...tinha de o reabrir". Relata-nos Luís Fortes numa entrevista pessoal realizada no dia 3-12-2015.

Cheio de vontade e determinação para reabrir este projeto, Luís Fortes convidou dois antigos membros da rádio, (oriundos da gerência anterior) a cooperarem de forma voluntária. Eloisa Faria traria outra vez a sua tão conhecida voz de locutora, tal como os conhecimentos adquiridos nesta área. Por sua vez, o músico e técnico Américo Brito, voltaria a exercer as suas instruções na parte técnica para além de trazer consigo alguns equipamentos que ajudariam a construir o estúdio radiofónico. Entre estes equipamentos estavam inúmeros CDs de artistas cabo-verdianos, mesa de som, alguns microfones e um aparelho de edição.

Imagem nrº .1



Estúdio Radio Voz de Cabo-Verde Spangen

Fonte Própria

Com uma nova instalação num pequeno apartamento em *Spangen*, (uma zona histórica em Roterdão), a Rádio Voz de Cabo-Verde encontrava-se pronta para iniciar

as suas emissões. Nesta linha a partir do dia 1 de Novembro do ano de 2014 todos os rumos apontavam para a rua Tousaintstraat 67. Programas idênticos ou iguais foram reconstruídos com o intuito também de participar nos grandes eventos de carácter nacional relevante para a comunidade, nomeadamente as Festas de celebração da Independência, e dias notáveis de grandes feitos históricos, sociais, culturais e desportivos.

Todavia, algum tempo depois de começar a emitir para um público que aos poucos teria de ser reconquistado, devido a esta enorme lacuna deixada pela ausência desta mesma rádio, abate-se novamente uma ameaça financeira que coloca em causa o projeto.

Não querendo abdicar da rádio, Luís Fortes, Américo Brito e Eloisa Faria decidiram encontrar um novo rumo. E este novo rumo menos dispendioso passou pela emissão exclusivamente *online*. A Rádio Voz de Cabo-Verde tornou-se assim no dia 10 de Junho de 2015 numa web-rádio emitindo 24h por dia na Internet, com a presença diária dos dois integrantes (Américo Brito e Eloisa Faria) a partir das 16h da tarde até as 20h da noite. Nesta linha, um novo lema e distintivo também renasceram- *Radio Voz de Cabo-Verde Rotterdam Holand Al Arround The World*.

Imagem nrº.2



Novo Logotipo Radio Voz de Cabo-Verde

CAPÍTULO 7.

A Programação da RVCV

Sendo a única rádio cabo-verdiana e com conteúdos em língua portuguesa em Roterdão, a nova aposta centrou-se também em unir e reforçar os laços culturais das nações que têm o português como a língua oficial, aspirando, com isto, ao mesmo tempo, entrosar culturas, zelar por um humanismo cada vez mais forte entre as nações e os seus respetivos povos, estimulando assim as boas práticas da cidadania.

Nesta linha, voluntários da Guiné Bissau e de São Tomé e Príncipe, foram convidados a engrossarem a programação na RVCV. O programa *Obby Guine* veio assim aumentar a programação das segundas-feiras a partir das 17.30h. O programa da responsabilidade de Duarte Cabral e Johnny de Sousa para além de aumentar a programação, fez com que os guineenses em Roterdão e pelo mundo pudessem contar com mais um programa que transmitisse informações relacionadas com o país, tal como entretenimento e alguma interação com ouvintes.

Em relação às terças-feiras à noite, estas ficaram reservadas para o escritor e poeta Carlos Sousa de São Tomé e Príncipe que também fez ouvir temas relacionados com o país de origem no programa *Caminhos de São Tomé*. Devo ainda realçar que as poesias lidas e escritas pelo poeta tal como os convidados que o acompanhavam a cada semana, traduziram-se em pontos muito fortes para o programa.

Imagem nrº.3



Programa *Obby Guiné*

Fonte Própria

Imagem nrº.4



Programa *Caminhos de São. Tomé*

O pastor cabo-verdiano José Fontes residente em Roterdão foi igualmente convidado pelo diretor para condensar a programação das tardes de Sábado com um espaço religioso Nesta linha, criou o programa *Momentos Com Deus* no qual acarretava igualmente consigo inúmeros convidados com histórias de superação, ajudando e renovando a fé dos ouvintes desde que estivessem ligados a esta Web-rádio da Radio Voz de Cabo-Verde.

Imagem nrº.5



Programa Momentos Com Deus



Fonte da fotografia- Página pessoal do Facebook do Pastor José Fontes

Neste especto pode-se afirmar que a Rádio Voz de Cabo Verde se tornou numa web-rádio tipo comunitária, que nasceu da necessidade de integrar a comunidade cabo-verdiana no meio social em que está inserida, inter-relacionando-se com outras nações da língua oficial portuguesa sem perder a sua raiz e alicerces culturais com o país

A rádio tenta esclarecer ainda sobre vários assuntos de interesse socio-político-cultural referentes à realidade holandesa, para que os ouvintes fiquem bem por dentro de todas as medidas, legislação e demais decisões superiormente emanadas pelo Estado Holandês e mantem ainda uma ligação forte com a República de Cabo Verde, divulgando e esclarecendo sobre vários aspetos da vida político-económica, cultural

e social. Para atingir esse objetivo, a RVCV tem, como se pôde observar, no seu seio um grupo de voluntários que é o garante da continuação da estação.

Nos restantes dias da semana, a programação também é preenchida com algum entretenimento para os ouvintes que a acedem. Referimo-nos aos programas *Lembra Tempo* com Jorge Fontes, *Domingo dos Românticos* e *Você Sabia Que* com os locutores Eloisa Faria e Jorge Rocha, *Conversas de Pé de Orelha* com o jornalista Fernando Carrilho e ainda Entrevistas a celebridades cabo-verdianos, entre eles músicos, artistas, políticos ou até a cidadãos comuns que tenham algo de relevante para comunicar a comunidade. Retirando estes programas, refiro ainda a existência na programação da rádio de informações sobre falecimento de naturais de Cabo-Verde, informações essas trazidas à rádio pelos próprios familiares.

Imagem nº.6



Domingos dos Românticos com Jorge Rocha e Eloisa Faria

Fonte Própria

A rádio tenta ainda trazer ao seu estúdio, tanto os mais recentes como os mais antigos (tradicionais) músicos e artistas cabo-verdianos, que por cortesia costumam por vezes deixar um CD à estação como modo de agradecimento pela conversa ou entrevista exposta ao público.

Contudo, não seria correto afirmar que quando referências e fenómenos da música cabo-verdiana como os Ferro Gaita, Tito Paris e Nando da Cruz se deslocam até ao estúdio da rádio, seja por causa de um novo CD em lançamento ou por uma breve conversa numa entrevista informal, não se deixa de notar o entusiasmo por parte dos integrantes desta rádio que aos poucos tenta conquistar o seu público, dando-lhes os melhores fenómenos da música cabo-verdiana.

Imagem nrº.7



Entrevistas - Fonte Própria

Todavia, como expusemos no ponto anterior, apesar de todos estes programas e tentativas de colocar em " pé " este novo projeto, trata-se de uma estação comunitária, logo se debate com enormes problemas financeiros, não fosse a ousadia e teimosia do seu proprietário e a dedicação dos colaboradores em regime de voluntariado não remunerado.

CAPÍTULO 8.

O Estágio na Rádio de Cabo-Verde

De 21 de Setembro a 21 de Dezembro de 2015 o grupo de voluntariado da Rádio Voz de Cabo-Verde contava com mais um integrante. Foi a minha vez de integrar a equipa e contribuir para uma rádio, cuja escolha se tornou muito fácil para mim, desde o primeiro momento em que tive conhecimento da sua existência pela Internet.

Acredito que a ligação que de imediato senti a esta rádio não se deveu ao facto de o meu estágio curricular da licenciatura se ter realizado na SIC-Portalegre, na área da Televisão e por isso tentei mudar geograficamente a localização do meu próximo local de estágio tal como alargar a minha procura na área com o intuito de ter uma experiência jornalística mais diversificada, mas sim por ser uma rádio de origem cabo-verdiana, onde poderia expressar-me livremente sem ter receio do meu sotaque cabo-verdiano. Mas sabia também que os acontecimentos teriam um relevo mais próximo para com a minha pessoa e estaria por dentro em relação às ocorrências que sugeriam seja em Cabo-Verde ou na comunidade cabo-verdiana residente em Roterdão, dado ser eu mesma de origem cabo-verdiana, imigrada e já ter residido alguns anos em Roterdão.

Devo referir que não foi fácil no início contactar esta mesma rádio, dado que eram poucas as informações disponíveis na Internet. Entre várias pesquisas por informações e contactos num *site* onde tudo indicava ser da mesma rádio, comecei o envio de mails sem resultado. Algum tempo após dispus-me a ligar para um contacto disponível no mesmo *site*. Foi quando de imediato entrei em contacto com o proprietário Luís Fortes que se apresentou como diretor da Rádio Voz de Cabo-Verde. Com o mesmo entusiasmo que eu, aceitou o meu pedido de estagiar na Rádio Voz de Cabo-Verde e posteriormente outros contactos foram-me facultados pelo mesmo para que este processo se pudesse agilizar.

Com a permissão de estagiar na Rádio Voz de Cabo-Verde, a minha decisão foi comunicada ao Instituto Politécnico de Portalegre para que o meu estágio pudesse se enquadrar no âmbito do Erasmus.

Neste sentido, no dia 21 de Setembro do ano de 2015, de forma acolhedora quase todos os integrantes da rádio encontravam-se à minha espera naquela redação que de imediato me fez regressar à minha origem e à minha Terra-Natal, fosse por causa das músicas que daí emanavam, fosse pela gigantesca bandeira nacional que se destacava na parede.

Entretanto, entre o meio entusiástico que se fazia sentir, foram-me relatando as dificuldades financeiras da redação, tal como a necessidade de mais programas com o intuito de preencher a calendarização e reduzir a monotonia na programação.

De acordo com o regulamento do mestrado do estabelecimento de ensino onde estudo, e por motivos de calendarização, o estágio deveria ter a duração mínima de 450 horas e não podia exceder as 750. Nesta linha, foram 537 horas orientadas pelo jornalista Fernando Carrilho que já reformado e de férias em Roterdão tinha a possibilidade diferente dos restantes integrantes que só se encontravam presentes depois das 16h orientando-me das 13h até as 20h durante três meses.

A falta de pessoas qualificadas na área de jornalismo na redação era visível. Com pouca informação e muito entretenimento faziam-se os dias da rádio. E dado que logo no início foi-me proposto a criação de um programa, diferente dos restantes já presentes na calendarização, decidi virar-me principalmente para o lado informação jornalística.

8.1 Atividades desenvolvidas

Todavia depois de ter apresentado o projeto do meu novo programa, que chamar-se-ia *Na Rota da Tecnologia*, refletindo as rotas das novas tecnologias no mundo, tal como vantagens, desvantagens e inovações nesta área, propus também apresentar diariamente o noticiário da noite, no qual a recolha, edição e a seleção de informações ficariam igualmente à minha responsabilidade. O noticiário apresentado por mim e pela colega Arlinda Santos tinha quase sempre uma duração de 15 minutos com notícias essencialmente cabo-verdianas relacionadas sobretudo com aspetos sociais, culturais e políticos.

Entretanto, devo referir ainda que enquanto me debruçava sobre o plano que seria o novo programa, apercebi-me igualmente que a rádio necessitava de uma página oficial na Internet, fosse ela em que rede social fosse. Nesta linha, sugeri ao diretor a

criação de uma página oficial do Facebook com o intuito de divulgar conteúdos abordados pela rádio, alargando assim da mesma forma este novo projeto.

Imagem nrº.-8



Página oficial do Facebook da RVCV

Link- <https://www.facebook.com/Radiovozdecaboverde-812272615545377/>

Assim, diariamente propus, como a minha primeira tarefa do dia, divulgar nesta nova página os conteúdos que seriam abordados na rádio, tal como também procurar uma interatividade com os ouvintes ou seguidores da página, como já foi referido, dar também a conhecer este novo projeto que desde do dia 10 de Junho alargou as suas emissões pelo mundo, dado a possibilidade de qualquer um aceder a rádio desde que tenha acesso a Internet.

Desde de então, mensagens de agradecimento têm vindo a ser enviados por alguns ouvintes de Roterdão e principalmente pelo mundo fora que desconheciam a existência ou o regresso desta mesma rádio.

Imagem nº.9

The image shows a screenshot of a Facebook chat interface. At the top, there are two profile cards: 'Mouad Belgrid' with a green landscape profile picture and 'Utilizador do Facebook' with a generic grey profile picture. Below these, the chat messages are displayed in a split view. On the left, messages from Mouad Belgrid are shown in grey bubbles, including a French message about radio listening and a message with an English translation of his address. On the right, messages from Rosy DaGraca are shown in white bubbles, including a thank-you message for poetry and a question about a radio program. A date separator '6 DE MARÇO DE 2016 22:30' is visible between the two message columns, and another separator '18 DE FEVEREIRO DE 2016 17:08' is visible below Rosy's messages. An 'Ações' button is present next to Rosy's profile card.

Mouad Belgrid
Ver Perfil

Utilizador do Facebook
Ver Perfil

6 DE MARÇO DE 2016 22:30

Comment êtes-vous plus heureux Dieu tout bon après-midi, je suis un fan de l'écoute de la radio Possible que Terslo à la radio et des affiches privée Merci beaucoup mon adresse estmon adresse est mouad belgrid oulad brahim oulad berhil taroudant maroc 83300

Possible be sent to your private labels my address is mouad belgrid oulad brahim oulad berhil taroudant maroc 83300

23-09-2015 20:57

Obrigada pa es belas poesias.um ti ta passa um bom mument ta ouvi radiovozdecaboverde. 😊

Rosy DaGraca
Ver Perfil

Ações ▾

18 DE FEVEREIRO DE 2016 17:08

Ola Boa tarde... Nka tive oportuniade de uvi programa de hoje sobre alcoolismo... Sera que é possivel ser download na esse pagina?... Obrigada

Exemplos de interações de ouvintes no Chat do Facebook da RVCV

Devo ainda mencionar, que artigos publicados na mesma página também detiverem interatividades por parte de alguns ouvintes e de alguns seguidores da página.



Interações de seguidores e ouvintes

8.2. Nova calendarização e atitude

Como referido anteriormente, desde o início a rádio procurou levantar-se depois da grande lacuna deixada no seio dos seus ouvintes devido à sua ausência. Como tal, em conjunto com o meu orientador decidimos impor alguma mudança na calendarização e na forma de trabalhar. Neste sentido, na nossa perspetiva e com o consentimento do diretor, a grelha de programação teria de ser reformulada com novos programas, respeitando rigorosamente os horários dos mesmos. A ideia assentava no seguinte: apesar de ser uma rádio comunitária e semiprofissional, tratava-se igualmente de um órgão de comunicação com uma forte responsabilidade para com os ouvintes.

GRELHA DE PROGRAMAS
DA RVCV

Emissão non stop musical com repetição de programas

Hora	Segunda Feira	Terça Feira	Quarta Feira	Quinta Feira	Sexta Feira	Hora	Sábado	Hora	Domingo
17:00	Abertura	Abertura	Abertura	Abertura	Abertura	16:00	Abertura	16:00	Abertura
17:05	Tarde musical	Tarde musical	Tarde musical	Tarde musical	Tarde musical		C / Variedades musicais		C / Variedades musicais
17:20	C / desporto	C / entretenimento	C / animação	C / temas variados	C / conselhos úteis	16:15	Avisos	16:15	Avisos
					Mundo cor de Rosa		Anúncios		Anúncios
						16:30	Publicidades		Publicidades
							Entrevistas		Entrevistas
18:00	E assim vai o mundo	E assim vai o mundo	E assim vai o mundo	E assim vai o mundo	E assim vai o mundo	17:00	momentos com Deus	17:00	Saúde e seu bem estar
18:10	Avisos	Avisos	Avisos	Avisos	Avisos		Abertura		
	Anúncios	Anúncios	Anúncios	Anúncios	Anúncios		C / momentos		
	Publicidades	Publicidades	Publicidades	Publicidades	Publicidades		com Deus		
	Entrevistas	Entrevistas	Entrevistas	Entrevistas	Entrevistas				
19:00	Notícia	Notícia	Notícia	Notícia	Notícia	18:00	Revista da	18:00	Domingo dos românticos
19:10	Conversa de pé de orelha	Conversa de pé de orelha	Conversa de pé de orelha	Conversa de pé de orelha	Conversa de pé de orelha		Actualidade Semanal		Ponto de Encontro
19:15	Oblí Guiné	Na caminho De S. Tomé	Na rota Da Tecnologia	Você sabia que	Som e saber				
	Literatura em foco								
20:00	Fim da emissão	animada				19:00	Som e Saber	19:00	Lembrá tempo
							Musica e Animação		
						20:00	Fim da emissão animada	20:00	Fim da emissão animada

Continuação da emissão non stop mais repetição de programas

Grelha de programação da RVCV

Fonte Própria

Foram adicionadas inda mais três programas de curta duração. O *Desporto* sempre às segundas-feiras às 17h20, pelo jornalista Fernando Carrilho, que faria uma breve retrospectiva dos jogos nacionais e internacionais que decorreram naquela semana ou no mesmo dia. O outro programa *Som e Saber* seria sempre às sextas-feiras pelas 19h15. Neste programa, os ouvintes escutariam curiosidades sobre o artista em questão tal como algumas informações adicionais que o jornalista considerava conveniente. O último programa apresentado e criado por mim foi o *E Assim Vai o Mundo* que diariamente às 18h noticiava as manchetes mundiais que se destacavam naquele mesmo dia pelo mundo, como ainda uma breve abordagem ou síntese das notícias de caris nacional que fariam parte do noticiário da noite às 19h.

Para além da renovação da ética profissional e da grelha de programação os nossos olhares voltaram-se para um outro lado. O passo seguinte seria criar uma outra forma que fizesse a comunidade cabo-verdiana, aderir e envolver-se novamente com este novo projeto que em outros tempos tão conhecido foi para eles. Neste sentido, uma rifa foi exposta ao público um mês antes do Natal.

Com 10 euros, assinava-se um número e o sorteado seria recompensado com um barril cheio de condimentos alimentares de primeira necessidade, como arroz, massa, feijão, que com a ordem e indicação do vencedor seria enviado para Cabo-Verde para uma instituição, familiares ou amigos.

Imagem nrº12



Barril RVCV

Fonte Própria

O esforço continuara. O objetivo agora era de estar também presente o mais frequente possível em acontecimentos que sucediam em Roterdão relacionados com a comunidade cabo-verdiana. Neste sentido, alguns destes acontecimentos foram acompanhados por mim, relatados na página oficial do Facebook e convertidos em notícias e RM.

8.3-Acontecimentos acompanhados e desenvolvidos Pela RVCV

Imagem nº13



Receção do Primeiro-ministro cabo-verdiano em Roterdão

Fonte Própria

Estas fotos retratam a visita do primeiro-ministro cabo-verdiano, José Maria Neves, a Roterdão, o qual numa cerimónia oficial convidou todos os cabo-verdianos a estarem presentes para debaterem alguns assuntos relacionados com o país, realizando ao mesmo tempo uma retrospectiva do seu mandato, visto que já se encontrava na fase final.

Imagem nº14



Grupo consultivo das comunidades

Fonte Própria

A comunidade cabo-verdiana em Roterdão decidiu criar pela primeira vez um grupo consultivo das comunidades no qual dois grupos concorriam para poderem representar a comunidade cabo-verdiana em assuntos de interesse sempre que

necessário. A rádio acompanhou minuciosamente então esta disputa que tinha como objetivo aconselhar as missões diplomáticas ou postos consulares em assuntos ou domínios de interesse para as comunidades na área da sua jurisdição, tal como constituir-se num instrumento facilitador na resolução dos problemas que enfrenta a comunidade cabo-verdiana da Holanda, tornando-se num parceiro forte e credível na promoção de uma plena integração dos cabo-verdianos na sociedade holandesa.

Imagem nº15



Apresentação do livro "Crónicas da Terra Longe"

Fonte Própria

Luiz Andrade Silva deu abertura à apresentação do seu livro "Crónicas da Terra Longe" no centro de cultura em Roterdão. Com um olhar crítico sobre a história e a influência da emigração dos cabo-verdianos, acredita que devemos considerar a comunidade cabo-verdiana na diáspora como a 11^a ilha da nação, uma vez que com as suas emigrações trouxeram mais-valias e todos os aspetos para o país. Luiz Andrade Silva salientou ainda, que a Holanda como um país que abriu as suas portas para que os cabo-verdianos pudessem sustentar e realizar os seus sonhos antes, durante e depois da

Independência em 1975. Nesta linha, a rádio esteve presente neste seu lançamento, tendo realizado entrevistas antes e depois da apresentação.

8.4– Criação de um novo *Site*

Entretanto, outra tarefa que fugia um pouco das minhas responsabilidades mas que ao mesmo tempo, dispus-me a agarrar, dado a importância, que ao meu ver fazia à emissora, a criação de um site oficial da rádio com notícias transmitidas pela emissora, tal como fotos de entrevistas e eventos relacionados com a comunidade cabo-verdiana em Roterdão

Imagem nº16



Site oficial da RVCV

[Link- http://radiovozdecaboverde.wix.com/radiovozdecaboverde](http://radiovozdecaboverde.wix.com/radiovozdecaboverde)

Devo ainda referir, que a Radio Voz de Cabo-Verde desde o início da sua criação, que já possuía um *site* contudo, a sua atualização era inexistente. Nesta linha, sem conhecimento das palavras-passe por parte dos integrantes da rádio para proceder à atualização do mesmo, dispus-me a realizar uma outra página oficial da rádio na Internet. Para além das informações noticiosas e anúncios de publicidade, os ouvintes e

seguidores poderiam encontrar neste mesmo site informações como a localização da rádio e contactos dos seus integrantes.

Imagem nº17



Partes integrantes do site

CAPÍTULO 9.

A RVCV e as potencialidades do Online

9.1 Potencialidades da internet não exploradas pela RVCV

Apesar de o aparecimento dos meios jornalísticos tradicionais na *Web*, sustentados pela inovação tecnológica, terem aberto espaços para a ascensão de um novo tipo de jornalismo, a verdade é que as potencialidades do Online enunciada por Fernando Zamith como a Multimedialidade, Hipertextualidade e a Ubiquidade poucas vezes foram aproveitadas pela rádio.

Em relação à Multimedialidade, ou seja a utilização de ferramentas de vídeo, áudio, infografia, *etc.*, raramente foi utilizada. A principal razão prendeu-se pela falta de pessoal no local do acontecimento que pudesse registar em áudio ou vídeo as ocorrências.

Imagem nrº18



Vídeo Publicado no Facebook pela RVCV

A Hipertextualidade que fez construir caminhos interativos não foi igualmente explorada muitas vezes pela equipa da RVCV uma vez que nos encontrávamos limitados pela falta de tempo ou pessoal para realizar esta tarefa.

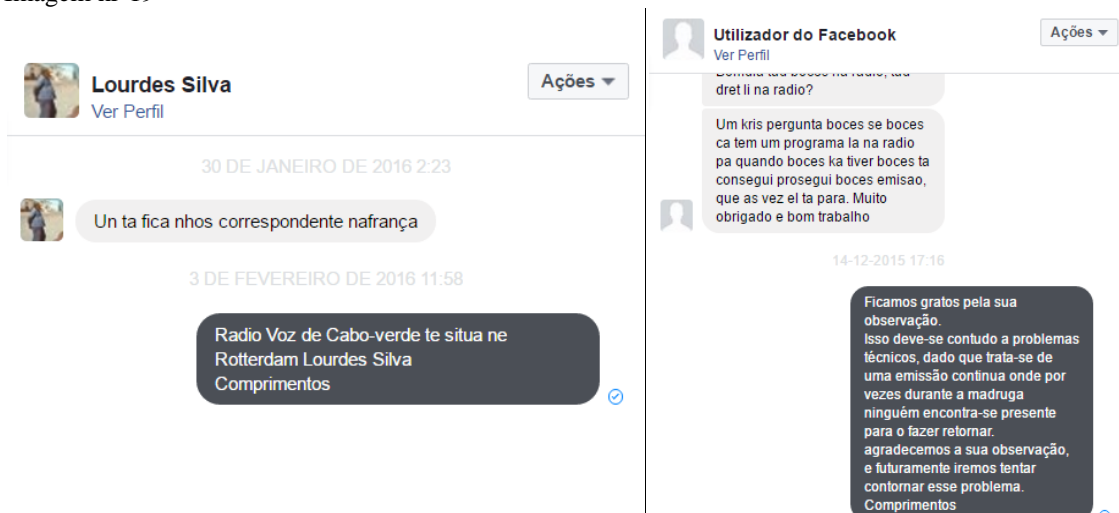
Entretanto, realço ainda que o único *link* ou hipertextualidade utilizada era somente o link originário da fonte de informação no qual se retirava a informação

anteriormente.(Neste caso refiro-me a acontecimentos que sucediam em Cabo-Verde publicados em órgãos credíveis de informação Nacional reproduzidas pela emissora)

Em relação à Ubiquidade que poderia fazer alguma diferença no desempenho do jornalismo *online* dado que permitia ao cibermeio explorar um mercado mundial e não apenas local, regional ou nacional. Apesar de o objetivo principal ser a população cabo-verdiana residente em Roterdão/ Holanda certos conteúdos valeriam a pena serem traduzidos em holandês fosse para tentar captar ou dar a entender certos conteúdos para os descendentes interessados em assuntos publicados, porém desconhecedores da língua portuguesa ou crioula.

Contudo, a interatividade que alterou a forma como os leitores e os meios de comunicação se correlacionam, foi a potencialidade que mais se aproveitou, levando assim a que a RVCV conhecesse melhor o seu público.

Imagem nº19



Interações de ouvintes por mensagens Privadas- Facebook

E uma vez que em termos práticos, a rapidez dos meios tecnológicos permitiu que a qualquer altura, sem a obrigação de esperar pela edição dos diferentes meios de comunicação, as pessoas tivessem acesso às informações pouco tempo após terem acontecido e com a possibilidade de serem frequentemente atualizadas a RVCV não abdicou-se da instantaneidade proporcionada pelo mundo *online*.

Diariamente, antes dos programas entrarem no ar, era feita a questão de apresentar aos internautas por meio de uma foto ou descrição o que poderiam esperar e acompanhar a certa hora. Foram casos de notícias, presença de artistas e celebridades em entrevistas muitas vezes formal.

A personalização das notícias *online* permite que haja uma configuração ou uma pré-seleção de assuntos ajustados aos interesses do utilizador. Esta potencialidade enquadrou-se de uma forma muito natural entre as poucas potencialidades aproveitadas pela emissora. Isto fez com que a RVCV respondesse às necessidades e aos interesses particulares dos mesmos, de modo a que a informação disponibilizada fosse a mais desejada para os eventuais interessados.

CAPÍTULO 10.

Dificuldades Encontradas

Deparei-me sobretudo com dois grandes obstáculos durante o período de 3 meses do estágio: contactar e averiguar fontes de informação e lidar/conviver com a existência das dificuldades financeiras da redação que a qualquer hora corria o risco de encerrar as suas portas. Facto esse que sempre esteve presente, tornando-se num ponto desanimador para a equipa.

A maioria das informações transmitidas pelo noticiário da noite recaiam sobre acontecimentos sucedidos em Cabo-Verde, fossem estas políticas, sociais ou culturais. Nesta linha, estando longe dos factos e impossibilitada de contactar por telefone fontes que poderiam ser relevantes, a minha única solução assentou em contactar amigos residentes em Cabo-Verde pelas redes sociais ou então entidades ou personalidades cabo-verdianas em Roterdão para que a notícia tivesse um toque diferenciado. Quando tal não ocorria, os acontecimentos eram simplesmente transcritos e reproduzidos.

Em relação às dificuldades financeiras tal como todas as despesas da rádio, eram suportadas mensalmente e unicamente pelo nosso diretor Luís Fortes. Entretanto, desde o início do estágio foi-me transmitido que para tentar diminuir os encargos das despesas, fazendo até com que ao mesmo tempo a rádio pudesse aguentar-se pelas suas próprias pernas, os anúncios publicitários realizadas na emissora teriam de ser cobrados. Contudo, com a pouca visibilidade e notabilidade da rádio, poucos eram aqueles que achavam necessário divulgar informações pagas numa web-radio esquecida e pouca ouvida pela comunidade.

Este facto tornava-se a cada dia num peso de enorme tristeza ara com os integrantes e principalmente para mim, que desde do início tive o desejo de ajudar a recuperar este meio de comunicação para com a sua, minha comunidade residente em Roterdão.

Nestes termos, uma vez que a perda do nosso público ficava cada vez mais evidente, dado que em saídas para exterior e em conversa com integrantes da comunidade cabo-verdiana, a existência da rádio ou a sua transição para o mundo

virtual pouco ou nada era conhecida por estes, (criando ainda mais dificuldades na angariação de publicidade e na notoriedade e elevação da emissora) decidimos aplicar um inquérito à comunidade para perceber a fundo o porquê desta discrepância que motivou um afastamento e o não regresso total da comunidade a esta radio que em outros tempo lhes foi tão próximo.

CAPÍTULO 11.

A RVCV e a Comunidade

O inquérito foi aleatório, recolhido em vários eventos em Roterdão desde do dia 15 de Novembro a 21 de Dezembro de 2015. Foram inquiridos 372 pessoas, no qual 164 mulheres e 208 homens com idades comprometidas entre os 20 e 90 anos.

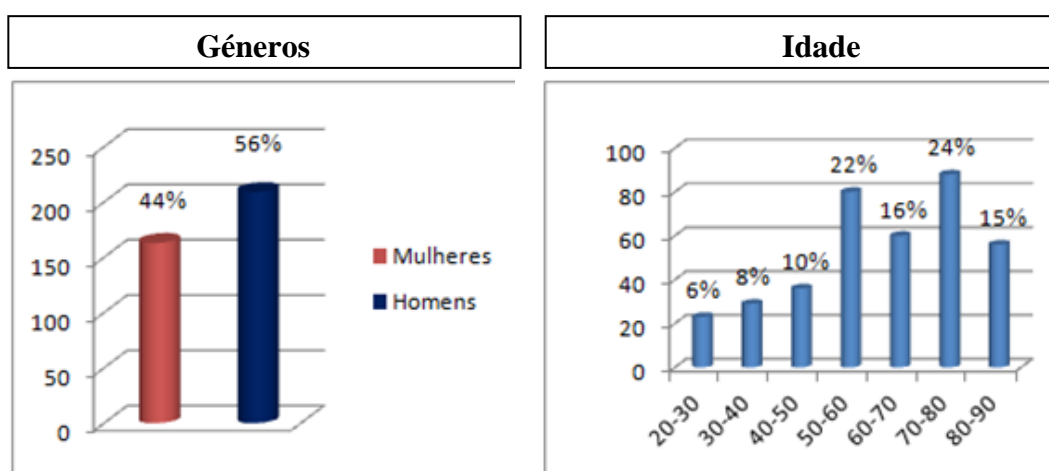


Gráfico Nr.-1

Gráfico Nr.2

Como foi relatado anteriormente neste relatório, a comunidade cabo-verdiana residente em Roterdão conta, ainda até aos dias de hoje, com uma grande percentagem dos que emigraram para os Países Baixos no final da década de 60-70. Nesta linha, em quase todos os eventos em que o inquérito foi aplicado esta população destacava-se.

Entretanto, questionei todos os inquiridos se conheciam a Rádio Voz de Cabo-Verde e se a ouviam atualmente. A resposta foi o seguinte

Conhece a Rádio Voz de Cabo-Verde?

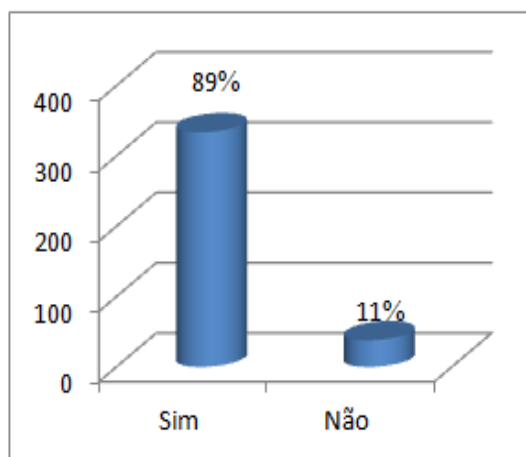


Gráfico Nr.-3

Costuma ouvir a Rádio Voz de Cabo-Verde?

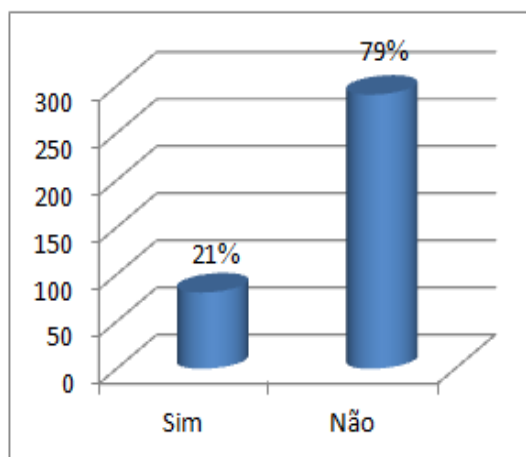


Gráfico Nr.-4

334 dos 372 inquiridos responderam conhecerem a RVCV , porém 291 destes mesmos afirmam já não acompanhar a rádio como antigamente o faziam. Foi baseando então neste ponto que quisemos ir mais longe, questionando os motivos e razões deste afastamento.



Gráfico Nr.-5

Ora, segundo os inquiridos, encontram-se neste gráfico os três e únicos motivos do afastamento da comunidade cabo-verdiana para com a RVCV. E como se pode observar, 75 % deste afastamento deve-se sobretudo à passagem da rádio exclusivamente para o online. Muitos não conseguem Ouvir a rádio através Internet devido a falta de conhecimentos informáticos. Entretanto, ainda de referir que pelo

simples facto de a presença da rádio ser exclusivamente *online* fez com que muitos desistissem de a acompanhar, uma vez que modificou também toda a forma tradicional de escuta.

Refiro, ainda que, sempre após a aplicação dos inquéritos muitas eram as conversas que brotavam em roda deste afastamento: "não queremos uma rádio via Internet...queremos chegar em casa e sintonizar a rádio como fazíamos antigamente". Refere Carlos Fonseca um antigo ouvinte da RVCV. Ainda continua afirmando que a comunidade cabo-verdiana em Roterdão já não possui uma rádio comunitária "estando a rádio na Internet, parece-me, que a atenção centra-se agora sobretudo nos restantes ouvintes espalhados pelo mundo e não em nós aqui em Roterdão".

Entretanto, sempre me foram ensinando que não importa o tamanho da plateia, o bom trabalho deveria permanecer independente do número de ouvintes. E foi exatamente isto que aconteceu pelo menos durante os três meses que aí estive presente na RVCV.

Foi seguindo esta linha que também quisemos saber um pouco mais sobre os 81 inquiridos ou os 21% que responderam acompanhar a RVCV. Perguntas como com que frequência o acompanhavam tal como que tipo de programas aí procuravam, e de que forma a rádio lhes faziam sentir ligado a Terra-Natal foram-lhes interrogados para melhorarmos ainda mais o nosso trabalho e desempenho para com eles.

30 dos 81 inquiridos que confessaram acompanhar a RVCV dizem segui-la diariamente. Acrescentam-se 15 inquiridos que afirmaram acompanhá-la duas vezes por semana, tal como mais 12 inquiridos que contaram acompanhá-la mais de três vezes por semana e 8 semanalmente. Os restantes 16 dizem acompanhá-la sempre quando puderem. Em relação ao tipo de programas que estes mesmos inquiridos procuraram na RVCV, destacaram as informações (48%) Cultura (24%) e entretenimento (18%). Os restantes 8% ficaram divididos entre outras categorias que não quiseram mencionar.

Foi pedido ainda aos inquiridos que classificassem numa escala de 1 a 5 o sentimento de ligação a Terra-Natal que se fazia sentir ao sintonizarem a RVCV. A totalidade dos 81 atribuíram o número 5, sendo que a transmissão das músicas cabo-verdianas, tal como informações, conversas e entrevistas com os conterrâneos parecem desempenhar um papel fulcral neste ponto.

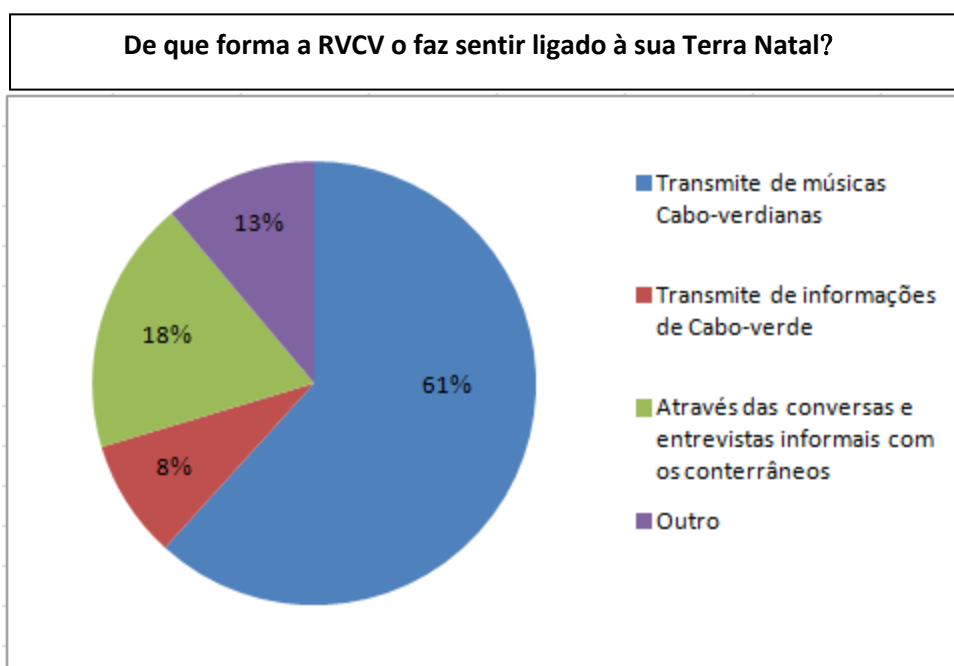


Gráfico Nr.-6

Quisemos também saber se a transferência da rádio a cabo para o *online* deteve algum impacto nos hábitos de escuta. Curiosamente, 67 dos 81 inquiridos que afirmam acompanhar a rádio contam que esta transferência pouco impacto teve, uma vez que, muitos trabalham com o computador, motivo pelo qual passaram a ouvir ainda mais. Mais 10 inquiridos destes 81 dizem atualmente ser mais prático dado que a ouvem agora quando e aonde quiserem.

Entretanto, 14 dos 81 inquiridos que afirmaram haver sim uma mudança de escuta desde a transição da rádio para o *online* apontam duas principais razões: que a escuta *online* tem muitas falhas no som e que por vezes não conseguem aceder a rádio online porque não funciona.

Conclusão

A verdade é que as rádios comunitárias, quando pertencentes às “comunidades”, possuem um papel significativo na expansão do exercício da cidadania que as emissoras convencionais nem sempre realizam. Estas operam a partir de uma lógica diferente do ponto de vista da gestão e dos objetivos de programação, o que deixa um espaço específico para a atuação das comunitárias.

Um dos pressupostos básicos da rádio comunitária é o envolvimento da comunidade, maior do que a de um ouvinte que pede músicas ou de uma simples conversa com os locutores. Uma rádio comunitária não precisa de reproduzir as emissoras comerciais para ter sucesso. Ela tem-se revelado como uma outra rádio, uma rádio sem fins lucrativos e movida pelos objetivos de colocar o canal de comunicação nas mãos do “povo” para que as pessoas possam ecoar suas diferentes vozes e participar de todo o processo de fazer rádio: participar na gestão, produzir programas e planejar toda a estratégia da emissora.

Entretanto, neste caso específico da Rádio Voz de Cabo-Verde, parece-nos que para além dos problemas financeiros representarem uma grande fatia na dificuldade de manter este meio de comunicação, a sua migração e transição para o mundo online tal como a lacuna deixada pelo encerramento de sete anos, poderão pesar ainda mais do que o reduzido aproveitamento das potencialidades do online, no que toca à reafirmação desta rádio junto da comunidade cabo-verdiana em Roterdão.

A verdade é que todos os órgãos de comunicação, passando pelas rádios comunitárias, sofrem de problemas e principalmente de carências financeiras lutando diariamente para os vencer. Entretanto, apesar destes grandes obstáculos, a RVCV tem vindo diariamente a procurar estimular e reacender esta fraca ligação com comunidade, seja através de programas participativos, páginas online interativas ou postando simplesmente numa presença assídua em vários eventos destinados à comunidade. No entanto, há que realçar que apesar de todo o empenho, se houver um público, neste caso concreto uma comunidade que já não se identifica com o órgão em questão, os esforços cairão por terra.

Entretanto, em relação à lacuna deixada pela rádio que fez com que aos poucos a emissora fosse caindo no esquecimento da população, cremos que se deve sobretudo ao advento da globalização aliado às novas tecnologias e aos novos mecanismos de

comunicação, dado que foram criados novos campos interativos, transmitindo informações em outros sites ou órgãos personalizadas com notícias instantâneas.

Desde então, cada vez mais se desenvolveram novos espaços democráticos, servindo-se de instrumento para expansão, recolha e transmissão de informações, opiniões e ideologias. Esta evolução, como afirmam vários autores como Manuel Castells, tem alterado fortemente o nosso estilo de vida, tal como o modo como pensamos, trabalhamos e vivemos.

A transição da RVCV significa igualmente, como se pôde observar, um dos grandes entraves para a afirmação desta emissora. Isto, uma vez que, devido à aceleração das tecnologias, as rádios comunitárias não quiseram ficar de fora deste meio e muitos foram aqueles que fizeram alagar as suas emissões pelo mundo fora, (aproveitando-se das potencialidades do *online*) buscando sucessivamente um novo público e um novo meio menos custoso para as suas atuações.

Entretanto, esta vantagem das rádios criadas exclusivamente para o mundo online parece cair por terra quando a comunidade para a qual a rádio está direcionada constituir-se em mais de 70% (50–90 anos) de uma população idosa que não acompanhou os avanços tecnológicos e como tal pouco sabem acerca da presença online da rádio e como acedê-la.

Assim, a função da RVCV tal como de qualquer outra rádio comunitária que se encontra nesta situação poderá perder a sua real missão que seria a aproximação com o seu público, influenciando na formação do sentido crítico, estimulando a reflexão e o conhecimento, tal como na educação não formal de um caminho para o exercício de uma cidadania consciente, reafirmando práticas culturais coletivas responsáveis pela consolidação de uma identidade cultural.

Entretanto, apesar de as rádios comunitárias serem importantes instrumentos nas sociedades em que se localizam, já que, através delas, as comunidades conseguem ter a sua própria voz, nota-se também que a sua presença online tem-se feito notar nos restantes nativos cabo-verdianos espalhados pela Europa e pelo mundo (em especial França Bélgica, Luxemburgo, Cabo-Verde Angola e Guine) que acompanham com alguma regularidade as emissões da RVCV deixando ainda muitas vezes os seus comentários no website da rádio ou na página oficial do Facebook.

É nesta sequência que concluímos esta abordagem como um ponto positivo da globalização no qual muitas das rádios comunitárias se encontram inseridas. Muitos destes ouvintes são emigrantes ou nativos que viveram por algum tempo em Roterdão e que ouviram falar desta rádio. Com a sua presença online podem agora voltar a escutá-la.

Apesar de este facto muito indignar os antigos ouvintes da RVCV uma vez que partem do princípio que esta realidade só faz com que não deem muita importância, voz e atenção à comunidade local, estes restantes ouvintes externos têm agora o privilégio de a acompanhar, tal como os locais, facto que não acontecia antigamente.

Nesta sequência, impõe-se a seguinte questão: o que fazer com as rádios comunitárias online quando a sua performance deverá ser tipicamente local, dirigida a segmentos específicos de ouvintes? Será que a Internet poderá desfocar num futuro próximo o objetivo principal de uma rádio comunitária?

A verdade é que apesar de atualmente não conseguirmos responder a estas questões, tudo indica que poderemos estar perante um novo enquadramento das rádios comunitárias já não apenas ancoradas ao território. O cenário atual mostra-nos que existe uma oportunidade para os membros imigrados de uma comunidade terem a possibilidade de sugerir, decidir e participar de longe em rádios comunitárias tal como os seus conterrâneos que se encontram localizados no mesmo território da rádio em questão. Esta situação revela-nos a reforma que a internet e as novas tecnologias poderão estar a realizar nesta área.

Bibliografia

Bastos, H. (2000). *Jornalismo electrónico – Internet e reconfiguração de práticas nas redacções*. Coimbra: Minerva Coimbra.

Barbosa, E. (2001). *Interactividade: a grande promessa do jornalismo online*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-elisabete-interactividade.pdf>. (Acedido a 28 de maio de 2016).

Bertocchi, Daniela.(2007). *A Narrativa Jornalística no Ciberespaço: transformações, conceitos e questões*. Tese de mestrado. Universidade do Minho.

Bonixe, L. (2006). *As rádios locais em Portugal: uma análise do discurso jornalístico*. *Revista Comunicação e Cultura*, 1, 157-169.

Canavilhas, J. & Satuf, I. (2014). *Jornalismo em transição: do papel para o tablet... até ao final da tarde*, in Canavilhas, J. & Fidalgo, A. (orgs.). *Comunicação digital - 10 anos de investigação*, pp. 35-58. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20140930-201308_10anos_labcom.pdf.

Canavilhas, J. & Satuf, I. (2014). *Jornalismo em transição: do papel para o tablet... até ao final da tarde*, in Canavilhas, J. & Fidalgo, A. (orgs.). *Comunicação digital - 10 anos de investigação*, pp. 35-58. Disponível em: http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20140930-201308_10anos_labcom.pdf. (Acedido a 4 de maio de 2016).

Castells, M. (2003) *“A galáxia da internet”*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Cordeiro, Paula. (2004). *Rádio e Internet: novas perspectivas para um velho meio*, Portugal: Universidade do Algarve.

Dioclécio, Luz. (2015). *Existe um Radio jornalismo Que Seja Peculiar às Rádios Comunitárias do Brasil?* Disponível em : http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2149/2067(Acedido o a 5-03-2016).

Dunaway D. (1998) *Community Radio At The Beginning Of The 21st Century: Commercialism Vs. Community Pozer*. University of New Mexico, Albuquerque, New Mexico.

Fonseca Ribeiro, F.(2014). *Recuperar o Espírito das Piratas: Reflexões Sobre Rádios Comunitárias Em Portugal, do Vazio Legal a Uma Proposta concreta*. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/34215/1/FR_e-book_radios_locais.pdf (Acedido em 5-4-2016).

Janey Gordon (2011) *Community Radio in East Africa; For or By the community*.

Garcia de Sousa S. (1997). *Rádios ilegais: da legitimidade à democratização das práticas*, Brasil: Universidade Metodista de São Bernardo do Campo (UMES).

- Gillmor, Dan. (2005). *Nós, os Media*. Lisboa: Editorial Presença.
- Herreros C. (2011). O rádio No Contexto da Comunicação Multiplataforma Disponível em: <https://radioleituras.files.wordpress.com/2012/04/3-cebrian-herreros-pt.pdf>(Acedido em 10-02-2016).
- Laura Seligman & Monike L. S. Furtado, (2011). *Interação online: o jornalismo que provoca a reação dos leitores na web*, Universidade do Vale do Itajaí (Univali),Brazil
- Ligabo et all, (2007). Panorama da situação legal na América Sul, Publicado por João Paulo Malerba em: http://observatoriodaimpresa.com.br/interesse-publico/_ed712_panorama_da_situacao_legal_na_america_sul/ (acedido a 21-01-2016).
- Lippman, Andrew, (1998). *O arquiteto do futuro*. Meio & Mensagem, São Paulo.
- Locksley, Gareth (2008). “The media and development: What’s the story?”, World Bank Working Paper, 158, Washington, D.C., pp. 1-29.
- López Vigil, (2003) José Ignacio. *Manual urgente para radialistas apaixonados*. São Paulo: Paulinas.
- Loreti e Gómez, (2009). Panorama da situação legal na América Sul, Publicado por João Paulo Malerba em: http://observatoriodaimpresa.com.br/interesse-publico/_ed712_panorama_da_situacao_legal_na_america_sul/ (acedido a 21-01-2016).
- Malerba, J. P. revista Observatório da Imprensa. Disponível em: http://observatoriodaimpresa.com.br/interesse-publico/_ed712_panorama_da_situacao_legal_na_america_sul/- (Acedido a 27-06-2016).
- Nunes, M. (2004). *As Rádios Comunitárias Nas Campanhas Eleitorais: Exercício Da Cidadania Ou Instrumentalização (1998-2000)*. *Sociologia Política*.
- Machado, A.; Magri, C.; Masagão,. *Rádios livres: a reforma agrária no ar*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- Mota Paula P.(2011) *Community Radio: the future speaks "glocal"* Disponível em : <http://www.redalyc.org/html/860/86022458019/index.html>. (Acedido em 6-02-2016).
- Oliveira, M. (2014). Colónias de som: O papel da rádio na expressão sonora das lusofonias. In M. M. Baptista, *Colonialismos, Pós-Colonialismos e Lusofonias – Atas do IV Congresso Internacional em Estudos Culturais* (pp.50-55). Aveiro: Programa Doutoral em Estudos Culturais (UM e UA).
- Palacios, M. (2003a). *Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate*, in Fidalgo, A. & Serra, J. P. (orgs.). *Informação e comunicação online -*

Jornalismo online, vol. 1, pp. 75-90. Disponível em: <http://labcomifp.ubi.pt/files/agoranet/02/palacios-marcos-informacao-memoria.pdf>. (Acedido a 24 de abril de 2016).

Palacios, M. (2003b). Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo *online*: o lugar da memória, in Machado, E. & Palacios, M. (orgs.). *Modelos do jornalismo digital*, Salvador: Editora Calandra. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003_palacios_olugardamemoria.pdf. [Acedido a 26 de junho de 2016).

Perona, J. (2009). Información radiofónica y libros de estilo: análisis y propuestas de unos textos que claman renovación. *Estudios sobre el mensaje periodístico*, 15, 367-384.

Peruzzo, Cíclia M. K. Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania. 3 a.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

Prata Nair M. (2008) Webrádios: Novos Géneros, Novas Formas de interação, Belo Horizonte Faculdade de Letras – UFMG.

Praxades Dos Santos (2014) Das Rádios livres as Rádios Comunitárias. Universidade Tuiuti do Paraná

Primo, A. F. T. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. *Revista da Famecos*, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.

Reges, T. L. R. (2011). Características e gerações do webjornalismo. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/reges-thiara-caracteristicas-e-geracoes-dowebjornalismo.pdf>. [Acedido a 24 de maio de 2016).

Rildo Albino da Costa (2011) A Importância das Rádios Comunitárias Para as Comunidades Em Que Estão Inseridas. *Revista Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 4 - Edição 3*.

Salaverría, R. & Negrodo, S. (2008). *Periodismo Integrado – Convergencia de medios y reorganización de redacciones*. Barcelona: Editorial Sol 90.

Steganha Roberta (2010) *Jornalismo na internet: A influência das redes sociais no processo de confecção das notícias de entretenimento e celebridade*, BAURU.

Zamith, F. (2011). A contextualização no ciberjornalismo. Tese de Doutoramento. Universidade do Porto, Portugal. Disponível em: <http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/57280/2/zamith000148443.pdf>. (Acedido a 26 de março de 2016).

10 Years of Community Radio In The UK | Ofcom - Disponível em: <http://consumers.ofcom.org.uk/news/community-radio-at-10/>- (Acedido a 29-01-2016).

Site do Angelfire. Disponível em: <http://www.angelfire.com/ak/nossafm/tudo.html> - (Acedido a 11-02-2016).

Artigos de imprensa e outros documentos

ABRAÇO RS. Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária no Rio Grande do Sul. Disponível em (2-02-2016). Disponível em: http://www.usp.br/anagrama/Albino_progresso.pdf. (acedido a 24-3-2016).

AMARC. Disponível em: <http://www.amarc.org/?q=node/71>. (Acedido a 5-02-2016).

AMARC - "What is Community Radio? A resource guide". AMARC Africa and Panos Southern Africa. 1998 - Disponível em: In <http://www.amarc.org/?q=node/71> - (Acedido a 27-01-2016).

Público, edição de 19-01-2012 Disponível em: <http://p3.publico.pt/cultura/mp3/2000/manobras-primeira-radio-comunitaria-do-pais-em-fm> - (Acedido a 05-03-2016).

Site da Ofcom. Disponível em: <http://consumers.ofcom.org.uk/tv-radio/radio/a-guide-to-community-radio/>. (Acedido a 27-01-2016).

Site do Angelfire. Disponível em: <http://www.angelfire.com/ak/nossafm/tudo.html> - (Acedido a 11-02-2016).

Anexos

Este inquérito faz parte de um Estágio para a obtenção do grau de mestre em Jornalismo, Comunicação e Cultura da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal, e pretende conhecer qual a importância que a Rádio Voz de Cabo-Verde tem para a comunidade cabo-verdiana residente na Holanda.

1. - Conhece a Rádio Voz de Cabo-Verde? Assinala com uma CRUZ

Se respondeu Não, a sua participação neste inquérito terminou. Obrigado.

- **Sim**_____
- **Não**_____

2.- Costuma ouvir a Rádio Voz de Cabo-Verde?

- **Sim**_____
- **Não**_____

2.1.- Qual a frequência com que o faz?

- **Diariamente**____
- **Duas vezes por semana**____
- **Mais de três vezes por semana**____
- **semanalmente**____
- **Outro**____

2.2.- Que tipo de programas procura na Rádio Voz de Cabo-Verde?

- **Informação**____
- **Entretenimento**____
- **Desporto**____
- **Cultura**____
- **Outro**____

2.3.- De que forma a Rádio Voz de Cabo-Verde o faz sentir-se ligado à sua Terra Natal?

- **Transmite música cabo-verdiana**___
- **Transmite informação de Cabo Verde**___
- **Através de conversas e entrevistas informais com os conterrâneos**___
- **Através de programas idênticas a das rádios em Cabo-Verde**___

2.4.- Classifique de 1 a 5 o grau sentimento de ligação a Terra Natal ao escutar a Rádio Voz de Cabo-Verde. (Sendo que 1 é pouco e 5 é muito)

- 1___
- 2___
- 3___
- 4___
- 5___

3. - Desde o mês de Julho de 2015 a Rádio Voz de Cabo-Verde passou do cabo para o Online. Esta mudança teve algum impacto nos seus hábitos de escuta?

- **Sim**___
- **Não**___

Se respondeu “ Não” avance a questão 4.

3.2.- Classifique de 1 a 5 o impacto que essa mudança teve nos seus hábitos de escuta? (Sendo que 1 é pouco e 5 é muito)

- 1___
- 2___
- 3___
- 4___
- 5___

3.3. - Explícita as suas razões

- **Passei a escutar menos porque tenho menos locais onde o fazer**___
- **A escuta online tem muitas falhas no som**___

- Por vezes não consigo aceder a radio online porque não funciona
- Não tenho internet____
- Passei a ouvir mais porque trabalho muito com o computador____
- Ouço agora quando e aonde quiser____

4. As **Redes Sociais** fazem parte atualmente do mundo *Online*, devido à possibilidade de interação, partilha de valores e objetivos comuns entre os utilizadores. Neste sentido a Rádio Voz de Cabo-Verde não poderia ficar de fora.

4. 1.- Faz parte de alguma rede social? (Facebook, Twitter, You Tube, Instagram)

- **Sim**____
- **Não**____

5. - Acompanhe a Rádio Voz de Cabo-Verde através das suas duas redes sociais que possui?

- **Sim**____
- **Não**____

Se respondeu “Não” avance para a questão 6.

5.1. - Qual a rede social que mais usa para aceder a Rádio Voz de Cabo-Verde?

- **Facebook**
- **Twitter**
- **Instagram**

6. - Indica o seu:

- **Sexo**____
- **Idade**____
- **Há quanto tempo reside na Holanda**____
- **Nacionalidade**____

Obrigado pela sua colaboração

Zilene Rocha (Mestranda em Jornalismo,
Comunicação e Cultura da ESECS-IPP)



Ultimo dia de estágio na RVCV - com Jorge Rocha, Fernando Carrilho, Luís Fortes, Arlinda Santos, Américo Brito e Eloisa Faria.

Fonte Própria



Convívio dos colegas da RVCV num dos estabelecimentos (bares) cabo-verdianos em Roterdão.
Fonte Própria.